

RAP

NACIONAL

rapnacional.com.br

GOG

O POETA DO RAP NACIONAL



TONI C. SWU DO CAFEZINHO **VOZ**
ANDRÉ LAUDZ SEM
E COOPERIFA 10 ANOS **MEDO**
+ IMPÉRIO Z/O
FESTIVAL MOINHO **SEVEN LOX** #POUCAS PALAVRAS
VIVO **DON L** RPW MC CAUAN
RAP **TATTOO** NO HIP-HOP
"O HIP-HOP ESTÁ MORTO!"

Nº3
DISTRIBUIÇÃO:
rapnacional
www.rapnacional.com.br
R\$7,99



LOCAL: **QUADRA DA PERUCHE**

AV: ORDEM E PROGRESSO, 1061
PONTE DO LIMÃO (UNIDOS DO PERUCHE)

14 ABRIL
SABADÃO ÀS 20HS

NAS TOCA DISCOS
DJ SIMONE

ao vivo
**11 GRUPOS
DE RAP**

Cobertura:
NACIONAL
www.rapnacional.com.br

O MAIOR FESTIVAL DE RAP EM SÃO PAULO

Gangsta

PARADISE
PARTE 2

REALIDADE CRUEL FACÇÃO CENTRAL DEXTER

DBS NDEE NALDINHO CONSCIÊNCIA HUMANA

IMPÉRIO z/o DEMENOS CRIME TIAGÃO

dueto choque

kamikaze do gueto

SISTEMA NEGRO CONEXÃO DO MORRO

AV: ORDEM E PROGRESSO, 1061 PONTE DO LIMÃO (UNIDOS DO PERUCHE)

MAIORES INFORMAÇÕES (11) 8680.0275 - 6368.5931 - (19) 8159.8289 - NEXTEL ID.111*23932 - 129*28189

APOIO E PONTO DE VENDA:

São André: **LOJA MIL GRAU** 15 de novembro 152
Sbo do Campo: **LOJA ZION** av: faria lima 1.257
Diadema: **SHOP. POPULAR** (2º piso) TIOZINHO DO RAP
Mauá: **LOJA VIZU HIP HOP** galeria praça rio branco
São Paulo **GALERIA 24 DE MAIO** (rap power e sub solo)
Campinas **DEDI MODAS** rua treze de maio 115 - centro

1º LOTE R\$ 20,00
2º LOTE R\$ 30,00
3º LOTE R\$ 40,00

**RESERVE SEU
CAMAROTE**

REALIZAÇÃO:
Vida
Bela Vida
produções



New Website

www.markone.com.br

(11) 9817.0220
SÃO PAULO - BRASIL





Páginas 6 e 7



Páginas 8 e 9



Páginas 18 e 19

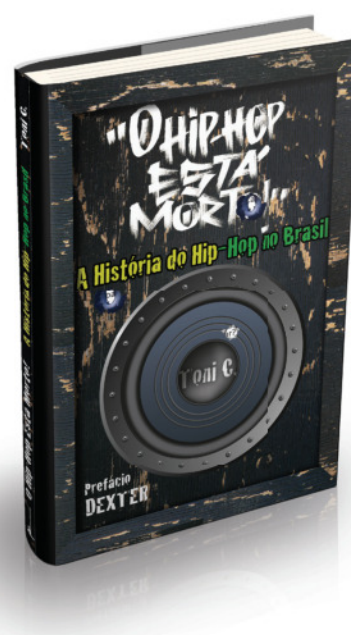


Páginas 42 e 43



Páginas 31 a 41

Páginas 44 e 45



Editorial

DEMOROU.... MAS SAIU!

O ano mal começou e alguns problemas nos perseguem desde 2011. As dificuldades para lançar esta terceira edição foram ainda maiores e por pouco o sonho não se perde no caminho...

Depois de alguns meses no gelo, finalmente a Revista RAP NACIONAL nº3 ganha vida. Essa foi a edição mais difícil de conseguirmos lançar. O número restrito de anunciantes quase inviabilizou que o sonho se tornasse realidade. Já sabíamos que manter uma revista de rap não seria fácil, mas também não achávamos que seria tão difícil assim. Devido a inúmeras dificuldades, a partir desta edição a Revista RAP NACIONAL passa a ser bimestral, dessa maneira teremos mais tempo para preparar os conteúdos e trabalhar a parte publicitária.

A capa desta edição é com uma pessoa muito especial e que toda equipe tem um grande carinho. GOG, que se prepara para lançar um novo disco cheio de participações inusitadas, tem muita história para contar e experiência de sobra para compartilhar com todos. Conversaremos com ele sobre diversos assuntos ligados a música, política, militância, auto-gestão e muito mais. Vale à pena ler e reler essa entrevista.

Nas páginas desta 3ª edição tem muita gente boa e cheia de novidades para contar. Batemos um papo com o jovem produtor curitibano, André Laudz e direto do Ceará, Don L, fala sobre os novos projetos e o seu jeito de fazer rap. Representando o Rio Grande do Sul, os MCs angolanos Riztocrat e Enzo Rizzo, do Seven Lox, explicam essa mistura que estão fazendo com o rap. E não para por aí. Ainda nesta edição temos reportagens sobre os vinte anos do RPW, disco novo de MC Cauan, o livro #Poucas Palavras, do Renan Inquérito, o livro "O Hip-Hop Esta Morto", do Toni C. e uma matéria emocionante sobre o dez anos da Cooperifa. Tem ainda a coluna de Igor Moraes, que fala sobre sua viagem a Los Angeles.

Esperamos que o nosso público curta mais esse trabalho, porque nós escrevemos cada linha desta revista com o objetivo de levar até você as principais novidades do hip-hop. Conseguimos entender nosso público porque fazemos parte dele. Todos que integram essa equipe são militantes ativos do hip-hop há anos e não é por acaso que você está lendo essas palavras. Você também faz parte dessa família.



RAP
NACIONAL

Publicação:

Portal RAP NACIONAL
www.rapnacional.com.br

Tiragem:

10 mil exemplares

Diretor:

Willian Domingues
(Mandrake)

Jornalista Responsável:

Elaine Mafra
(Mtb 47.959)

Reportagens:

Cristiane Oliveira,
Elaine Mafra,
Jéssica Balbino
e Paula Farias.

Projeto Gráfico e Diagramação:

Willian Domingues
(Mandrake)

Foto da Capa:

Tatiana Reis

Departamento Comercial:

[47] 3046.6156
[47] 7811.3497 (Nextel)
[47] 8415.9477 (Oi)
[47] 9672.8061 (Tim)
92*199119 (ID Nextel)
revista@rapnacional.com.br

Acesse

rapnacional.com.br/revista
Compre sua revista
através do site. Enviamos
para todo o Brasil.

Twitter

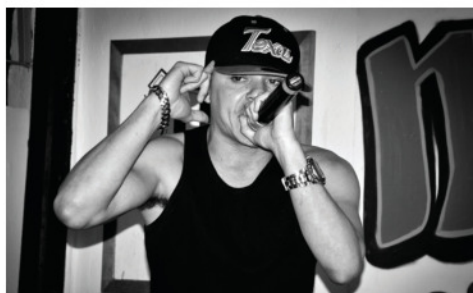
[ar.com/RAPNACIONAL](https://twitter.com/RAPNACIONAL)

Rap
NACIONAL
rapnacional.com.br



SWU do Cafezinho

Lançamento da 2ª edição da Revista RAP NACIONAL



A festa de lançamento da 2ª edição da Revista RAP NACIONAL foi realizada no mesmo dia, horário e alguns poucos quilômetros de distância do grande festival SWU, realizado no mês de novembro, em Paulínia, interior de São Paulo. Por este motivo a festa de lançamento recebeu o nome de "SWU do Cafézinho", já que foi feita no bairro do Cafézinho, em Campinas.

No SWU da favela, o Mestre de Cerimônias foi Mr. Kreu, que comandou as apre-

sentações e distribuiu brindes ao público. Os anfitriões, Bruno e Thiago do grupo Ments, juntamente com Vrá - dono do bar mais famoso do Cafézinho - se encarregaram de deixar todos os convidados bem à vontade.

A noite estava linda e o Bar da Maria era o celeiro do RAP feito com essência, confiança e respeito ao Hip-Hop. No comando das pick-ups Dj Duh mandou vários hits, empolgando geral aqueles que povoavam a rua Bruno Ventura de Grazia, antiga rua

8, esquina com a 7, a rua do Bar da Maria.

O "SWU do Cafézinho" teve até palco montado com engradados de cerveja. Segundo Bruno, eles não teriam tempo de correr atrás de uma estrutura que coubesse dentro do bar e esta foi a opção mais rápida. Lia 9M e DJ Sinistro deram início aos shows. Na sequência o pequeno MC Cauan e logo após foi a vez de Leity e Jords Mc mandarem um freestyle.

O Ments subiu ao palco e emocionou



MAIS FOTOS E VÍDEOS: RAPNACIONAL.COM.BR/REVISTA

cantando a música “Rodriguinho”, quase um hino, entoado por todos aqueles que conheceram a história real de mais esse personagem do Cafézinho, que morreu sob circunstâncias do caminho escolhido, e é sempre lembrado nas apresentações do grupo de uma maneira intensa. Neste momento o show ficou tão denso que foi possível ver a mudança de expressão do público cantando: “Lá no céu existe alguém, que nos ama e nos quer bem, a vida continua eu sei, mas na minha oração eu sempre me lembrei...”, refrão da música.

A próxima atração da noite encantou o público com grandes sucessos da carreira. Dexter, acompanhado de Gregory e Nego Jam, cantou “Fênix”, “Como vai seu mundo”, “Saudades mil”, entre outras. Durante o show de Dexter representantes do time de futebol Grêmio Cafézinho subiram ao palco e homenagearam o Oitavo Anjo e Mandrake com camisetas personalizadas.

Para fechar a noite DBS e a Quadrilha embalarão todos com os clássicos: “Clã da Vila”, “Sem Bilhete Nego”, “Qui Nem

Judeu” e muito mais.

O “SWU do Cafezinho” foi um sucesso, mas sucessos não acontecem por acaso. Muito trabalho foi feito para que o resultado fosse tão bom. “Adotamos a frase: o mais próximo da perfeição possível, organizar este evento em especial foi muita treta, foi tudo praticamente planejado e realizado em duas semanas. Eu fiquei louco achando que não daria tempo. Mas foi da hora e a quebrada inteira tá perguntando quando será o próximo?”, comentou Bruno.

Don L: A mistura de ritmos que tem a cara do Brasil

Integrante do Costa a Costa segue carreira solo e lança dois novos trabalhos em 2012

Texto Elaine Mafra | Fotos Divulgação



“Acho que tô na minha melhor fase”

Don L faz música com o coração. É como se cada rima de suas letras fossem as últimas palavras proferidas pelo Rapper. Cada ideia soa como um desabafo que não pode ficar preso na garganta. E é com esse entusiasmo que ele prepara a mixtape “Denso” e o disco “Vida Premium”, que têm participações de Flora Matos, Emicida, Terra Preta, entre outros. Ambos os trabalhos serão lançados no primeiro semestre de 2012.

As músicas de Don L têm batidas dançantes e mesclam ritmos variados. Já as letras são carregadas de malícia e pro-

testo. Juntando tudo resultam num RAP de qualidade, que tem a cara do Brasil. Don L garante que as rimas são uma necessidade vital para sua existência. “Eu rimo porque preciso das minhas rimas para me sentir capaz. Na real, eu faço música para mim mesmo, e aí serve para pessoas como eu, guerreiros e amantes”. E pelo visto muita gente tem se identificado com as ideias do Rapper. As canções de Don L conquistam já na primeira vez que se ouve e por isso estão estouradas no Brasil inteiro.

O envolvimento de Don L com o hip-hop começou quando ele ainda era mo-

leque nas ruas de Fortaleza, no Ceará. “Eu andava pelas esquinas onde vendem as ilusões no gueto. Escrevendo uns versos na mente. Com sonhos de vitória. Querendo mudar o mundo. Procurando sentir a vida no máximo”, relembra. Nessa época a trilha sonora de sua vida era: Racionais, Xis, Pavilhão, Tupac, Nas e Biggie. Paralelo a carreira solo, Don L continua na ativa com o Costa a Costa, que foi fundado em 2005. O grupo ganhou reconhecimento nacional com a mixtape “Dinheiro, Sexo, Drogas e Violência de Costa a Costa” e ao faturar dois Prêmios Hutúz na categoria Melhor Grupo Norte/Nordeste, incluindo o prêmio



de “Melhores da Década”, em 2009.

Há quem pense que o Costa a Costa acabou, mas Don L afirma que o grupo continua vivo e que os trabalhos individuais são necessários para o ser humano. “Todo mundo do Costa a Costa sempre foi solo. Todo mundo precisa ser solo, mesmo que não seja artista. Precisa trilhar seu próprio caminho. Cada um tem seu corre pessoal e a gente tem um corre junto, como uma família. Sozinho você tá no seu máximo potencial e liberdade. Em família, você tá entre os seus, respeitando a particularidade de cada um, que vai resultar numa outra parada, numa outra individualidade. É bom saber viver as duas coisas”, declara.

Com toda a experiência adquirida ao lado do Costa a Costa e mais maduro a cada nova música, Don L tem se dedicado inteiramente para concluir o EP “Vida Premium”. “É um trapo ousado, como é natural vindo de mim. Tá ficando muito rua, mas muito classe ao mesmo tempo. Tá muito hip-hop no sentido de ter toda a malandragem da rua com a visão de quem buscou também sabedoria nos livros. Tô me sentindo bem, tô quente, tô com sede. Acho que tô na minha melhor fase”, avisa. A mixtape “Denso” também esta sendo feita com muita dedicação. Na mix Don L se sente mais livre para usar e abusar de samples e beats. “A mixtape é um trabalho que não entra na discografia oficial. É uma parada mais livre, com menos responsabilidade sobre os samples e beats. Eu posso botar um som totalmente meu, que pode não ter nenhum sample, mas posso também usar uma coisa insampleável, como Beatles ou John Lennon”.

A moda da mixtape pegou e muitos trabalhos têm sido lançados neste formato e segundo Don L o termo esta vulgarizado. “Parece que pelo fato de ser mixtape pode ser qualquer coisa sem nenhuma qualidade, ou qualquer música descartável, mas não é o meu caso. Vou finalizar as músicas com o mesmo cuidado do EP. A mixagem será feita por Luiz Café, que pra mim é o melhor do Brasil”. Para explicar a diferença entre mixtape, EP e álbum, Don L usa uma comparação. “Se fosse literatura eu diria que o EP, ou disco, é um livro de bolso, que apresenta o autor pro mundo, pra que ele veio. A mixtape é como um ensaio, uma publicação numa revista importante, que também vai te apresentar, mas é outra parada. E tudo isso é uma preparação pro álbum mesmo, que é como o primeiro livro”, explica.

A paixão pela música e pela vida faz com que Don L não perca o foco. Dedicação é palavra de ordem no dia-a-dia deste Rapper cearense. Afinal, a meta é produzir muito em 2012 e para alcançar este objetivo é preciso muita força de vontade. “Me sinto um malandro velho, num corpo de um moleque de 16 anos. Tenho experiência, energia, sede de vitória. Sou Apaixonado pela vida. Amante da música e pretendemos ter muitos filhos esse ano: músicas, discos, vídeos, e grana. No sapatin. Tô muito seguro”, finaliza.

Acompanhe Don L
www.don-l.com
twitter.com/donlrico



Renato guerreiro da sul

Por Elaine Mafra



Tatuar o corpo é uma forma de expressão individual, de arte e estética do corpo. Os primeiros registros de corpos tatuados são de 3500 anos atrás. Naquela época os desenhos no corpo eram utilizados para marcar pessoas da mesma comunidade tribal. Na sociedade moderna a arte da tatuagem foi marginalizada por muito tempo. O preconceito ainda existe, mas graças a bons profissionais que fazem da tatuagem verdadeiras obras de arte, o preconceito diminuiu significativamente.

O trabalho do tatuador Renato Guerreiro da Sul tem se destacado entre os Rappers brasileiros. Com um traço preciso e materiais de qualidade, ele já recebeu em seu estúdio nomes como Eduardo (Facção Central), Eli (DMN), Pivete (Alvos da Lei), Mandrake (Portal RAP Nacional), entre outros. O que tem feito com que integrantes do hip-hop procurem Renato para fazerem suas tatuagens é o fato dele conhecer muito bem a cultura hip-hop e também a cultura low-rider e isso influencia nos detalhes do trabalho. “Tatuagem é algo muito pessoal, tem algumas pessoas que já vem com um desenho pronto. Mas mesmo assim eu opino, porque eu estudo e sei o que significa cada tema”, comenta Renato.

Muitos fatores devem ser levados em consideração na hora de escolher o tatuador. Renato garante que bons profissionais não cobram barato, porque os materiais e equipamentos são caros, então não se pode escolher um tatuador pelo preço que ele cobra. “Para o cliente saber o nível de profissionalismo do tatuador tem que pedir para ver fotos de trabalhos feitos, verificar se as tintas estão dentro do prazo de validade e se todo o kit utilizado é descartável. Sempre é bom conversar com outras pessoas que já fizeram tatuagem com esse profissional e também há quanto tempo ele esta na profissão”, aconselha Renato.

Tatuar o corpo é uma forma de expressar na pele ideias, sentimentos ou revoltas. Mas também é estética e por isso é preciso escolher muito bem o desenho e a opinião de um bom profissional pode ajudar. “Todos os desenhos são importantes, desde uma pequena estrela até uma obra grande, porque em todos os casos, são seres humanos. Mas já me neguei a tatuar uma pessoa que não estava no momento certo. Estava sob efeito de drogas e álcool e mesmo a insistindo que tinha dinheiro para pagar, não fiz a tatuagem, porque o meu trabalho vai muito além do lado comercial”, afirma Guerreiro da Sul.



Algumas vítimas de Renato Guerreiro da SUI

Eduardo
Faccção Central



Dimenó
Alvos da Lei



Mandrake
Portal RAP Nacional



Grand-E
ORR Posse



Elly
OMN



Renato
guerreiro da sul

(11)5524-8803 | (11)6363-3948

www.renatoguerreirodasul.com.br

Av. Nossa Senhora de Sabará, 285 |

São Paulo/SP

Lançamentos do Portal RAP NACIONAL

Neste espaço você encontra os últimos lançamentos em músicas, discos e vídeos do Portal RAP Nacional. Estes e outros conteúdos estão disponíveis no www.Rapnacional.com.br.



CA.GE.BE

“O Vilarejo” é o mais novo trabalho do grupo Ca.Ge.Be, formado por Cezar Sotaque, Shirley Casa Verde e Dj Paulinho. O disco apresenta uma ampla diversidade e chega para sacudir as estruturas tradicionais da música. “O Vilarejo” foi construído com calma e trás parceiros de renome como KL Jay, na produção executiva e artística e Edi Rock, na faixa-título.

Evolui Já é!



Depois de se projetar nacionalmente com “Bang do Cash”, o Floripa MC's se prepara para lançar o disco Evoluiu Já é! . O CD será lançado com 70 músicas inéditas, divididas em três estilos: Amor, Rua e Balada. MC BB Gigante é o autor de todas as letras do disco e quem conhece o dia-a-dia do Rapper sabe que a música faz parte da sua vida e que escrever letras é um talento nato. “Deus me deu o dom de escrever letras e não posso guardar isso para mim. Quero fazer história com minhas canções, resgatar vidas e levar alegria também”, comenta.

Kafanha



O Rapper Kafanha acaba de lançar o videoclipe da música “Joga o Jogo”. Essa é a faixa título do primeiro trabalho solo do Rapper, que será lançado nos próximos meses. As faixas “Nos Q Tá”, com participação de Negro Rudhy, e “Acredito, Vou Buscar”, com participação de RFL e Nildo Limas, também devem ganhar videoclipes em breve. Os videoclipes têm direção e edição de Tiago de Jesus, do Porão Studio. Acesse a seção de vídeos do Portal RAP Nacional para conferir o clipe e soundcloud.com/kfanha para conferir uma prévia do que virá na mixtape.

Poesia de Rua – Mixtape do Marrom

“Poesia de Rua” é o nome da mixtape lançada pelo Rapper, produtor e beatmaker Marrom. Toda a experiência do artista, adquirida durante anos dedicados ao RAP, resultaram num trabalho maduro e com muita qualidade. Se você não está lembrado, a história de Marrom com o RAP é antiga. Ele já integrou a família RZO e cantou refrões de grandes clássicos,

entre eles: “Desculpa Mãe” (Facção Central), No Brooklin (Sabotage) e Aquela Mina é Firmeza (Ndee Naldinho).



COM UNIDADE ATIVA

FABRICANDO RAP DE RESPONSA

coletanea
com o
melhor
do RAP
nacional.

QUER PARTICIPAR ENTRE EM CONTATO COMUNIDADEATIVA@HOTMAIL.COM.BR

outros produtos da REDE de produção cultural solidaria

COM unidade ATIVA



Elementos do Guetto
RECORDAÇÕES



Coletanea HIP-ROCK
COM unidade ATIVA



1ª Coletanea HIP-ROCK

COM unidade ATIVA

em DVD

Parceiros

F R R
propaganda & eventos



www.comunidadeativa.co.cc

Cooperifa: literatura, pão e poesia na prática

O movimento que deu início ao Sarau da Cooperifa completa uma década de mudanças e resultados positivos nas periferias

Por Jéssica Balbino

Gente comum: donas de casa, taxistas, pedreiros, donos de bar, metalúrgicos, cantores, atores. Em comum? Todos exercem a mesma coisa. Como? A poesia. O milagre da poesia os fisgou e é como religião. Há 10 anos, todas as quartas-feiras, às 21h, eles se reúnem em torno de um microfone e só. Acontece o “pior” sarau de São Paulo. “É pior porque vicia”, diz Sérgio Vaz, 44 anos, que criou o movimento da Cooperativa Cultural de São Paulo (Cooperifa).

Foi no último mês de outubro que o movimento e o sarau completaram a primeira década. Alguns resultados são palpáveis e as mudanças não param de acontecer. A comemoração se deu através da 4ª Mostra Cultural, realizada entre os dias 14 e 23 de outubro em vários locais como casas de cultura, escolas e no tradicional Bar do Zé Batidão, onde, sem falhar, acontece o Sarau todas as quartas-feiras.

Competindo com o horário da novela, do futebol e as atrações que fisgam desde as crianças aos jovens, a Cooperifa chega aos 10 anos e reúne, por semana entre 300 e 400 pessoas no sarau. O pico foi durante o aniversário, com mais de 600 pessoas dentro e fora do bar. Sim, porque é dentro de um bar que toda essa revolução acontece.

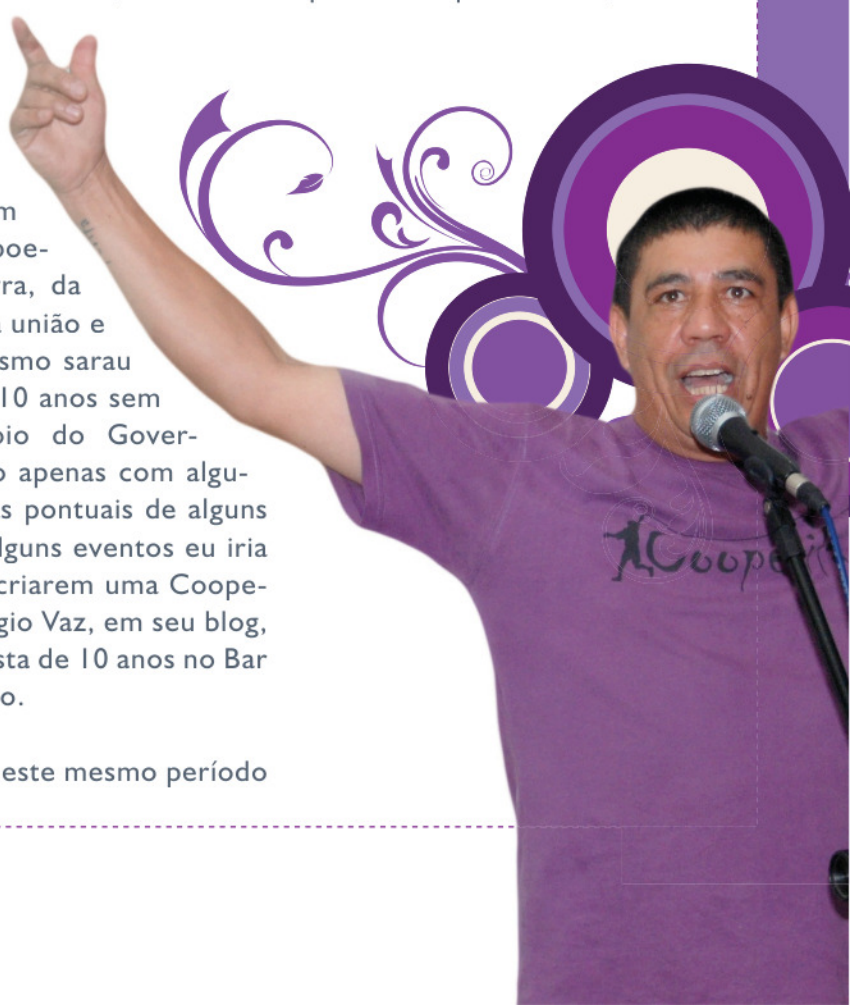
NA PRÁTICA

Por semana, entre 60 e 70 poetas, também chamados de artistas-cidadãos, por que, para o criador do movimento, são estas pessoas que estão fazendo a revolução e reproduzindo a efervescência cultural que a classe média viveu nos anos 1960/1970, só que com mais participação.

“Se alguém, um dia, viesse a me dizer, 10 anos atrás, que um sarau de poesia, na periferia do extremo sul de São Paulo, região considerada o Vietnã do Brasil devido a violência, dentro de um bar, toda quarta-feira, sem falhar um, gente de todas as cores, dores e lugares, em paz, harmonia, em torno da poesia, da palavra, da amizade e da união e que este mesmo sarau completaria 10 anos sem nenhum apoio do Governo, contando apenas com algumas parcerias pontuais de alguns amigos em alguns eventos eu iria dizer: só se criarem uma Cooperifa”, diz Sérgio Vaz, em seu blog, acerca da festa de 10 anos no Bar do Zé Batidão.

Para quem, neste mesmo período

de tempo, conhece o trabalho, existe a propriedade para falar. O jornalista Alexandre de Maio foi o primeiro a reportar o sarau que hoje é o mais famoso do país. “Eu conheci o Sérgio Vaz nos bastidores dos shows de RAP em 1999, buscando um espaço entre um show e outro para declamar suas poesias. Fiz uma matéria naquela época, antes da Cooperifa e também fiz a primeira, depois da criação do movimento. Lá é daqueles lugares mágicos que você se sente em casa, bem recebido. Toda vez que levo alguém, a pessoa se apaixona pela energia boa que rola naquele sarau”, frisa.





MAIS RESULTADOS

Quem comprova tal resultado é o Willams Tadeu Limeira dos Santos, 32 anos, que está ajudando a Mostra acontecer. Ele começou a frequentar os saraus há pouco tempo, mas conhece o trabalho do Sérgio Vaz há mais de uma década. O contato veio nos shows de RAP, quando ouviu os primeiros versos. Daí, se envolveu com a Literatura Marginal e passou a frequentar a Cooperifa. “Quando estou no sarau, é o

resgate da alma, o local dos humildes, o ar puro para continuar a semana. Alimento da alma, literalmente”, diz.

Uma figura importante do sarau é Dona Edith Marques, 68 anos. Por conta do diabetes, ela perdeu a visão, mas, há cinco anos, foi também fisgada pela poesia da Cooperifa e é durante as noites de quarta-feira que ela se emociona, chora, ri e aplaude os poetas, que ela sente, pela

vibração da voz, quem são. “Cada um tem um jeito de declamar, e eu gosto de prestar atenção nisso”, conta. E sim, ela declama em todos saraus. ‘A Cooperifa mudou a minha vida’, salienta.

E não para por aí. O trabalho da Cooperifa atinge os quatro cantos do país. Um exemplo é a produtora cultural Altamiza Melo, 28 anos, de Olinda/PE, que foi a São Paulo para conhecer o sarau. “Foi um momento único e pude ver uma experiência que só conhecia pelo relato de amigos e também por acompanhar o trabalho do Sérgio Vaz. Pude me inspirar e hoje estamos engatinhando, mas prestes a desenvolver um projeto de implementação de uma biblioteca e um cineclube voltado a questões de ações afirmativas”, informa.

OUTRAS ATIVIDADES

da programação e durante a Mostra do ano passado mais de três mil livros foram entregues aos pequenos, que ainda ganharam um dia de atividades com músicas e brincadeiras.

CDs com poesias também já foram feitos e a Cooperifa já sediou vários lançamentos de discos, livros e produtos culturais, além de ter premiado, há alguns anos, vários representantes da periferia com o Prêmio Cooperifa.

O Cinema na Laje, a cada 15 dias, exhibe produções brasileiras, independentes e reúne, a céu aberto, toda comunidade do bairro Chácara Santana em cima do Bar do Zé Batidão para conferir a sétima arte de perto. Como faz questão de frisar Sérgio Vaz: a entrada é franca, a pipoca é grátis e a lua, sincera.

E é ele ainda que não acredita em tanta transformação. Em seu blog, na manhã seguinte ao aniversário, postou: “pra

falar bem a verdade, nem sei se essa noite realmente existiu ou se foi um sonho que a gente teve”, relata.

E em palavras que ainda são poesias na tela de seu blog, ele comentou a entrega dos livros às crianças durante a Mostra. “Se realmente existir um Deus, e ele for justo, nunca mais me dê nada, tudo que eu precisava, tive neste domingo [16-10-11], num dia só, ao lado dos meus amigos, velhos e novos. E se meus amigos da Cooperifa deixassem, beijava os pés deles, um por um, por me deixar fazer parte disso, dessa história linda, e por me dar a chance de me tornar menos medíocre quando caminho ao lado com eles. Há dias em que a vida não dói, parece que ontem foi um deles”, e assina como Sérgio Vaz, poeta e sonhador.

Serviço – Para mais informações sobre a Cooperifa acesse o blog de Sérgio Vaz: coleccionadordepedras1.blogspot.com

A Cooperifa não se limita ao sarau todas as quartas, mas expande-se a um crescente movimento. Anualmente, realiza a chuva de livros e cada frequentador do sarau leva um exemplar para casa. Há ainda o Ajoelhaço, quando todos os homens do sarau ajoelham-se e pedem perdão às mulheres.

Uma vez por ano, a Cooperifa lota o céu de São Paulo de poesia. Elas são enviadas pelos ares por meio de balões de gás hélio. Acontece o Poesia no Ar. As crianças também não ficam de fora

Por onde anda?!

Nesta seção vamos entrevistar personalidades da velha escola que são importantes para a história do RAP NACIONAL e que por algum motivo esta sumido ou afastado dos holofotes da nossa cultura de rua

Por Paula Farias



Império Z/O conta "Por Onde Anda"

1 Qual a formação atual do grupo?
Império Z/O - O "Monstro dos toca-discos" DJ. Pow, orquestrando, Taty, Pixote, e eu mano Axé

2 Porque depois do som "Alô Polícia" o grupo ficou afastado do cenário do RAP NACIONAL?
Império Z/O - Chamei a polícia! Ela veio, então já sabe, na maioria das vezes comete injustiça e fiquei guardado por um tempo.(risos) . É nada brincadeira. Há momentos que temos que fazer um balanço na vida e em geral, não dá pra revolucionar com o chuveiro quebrado e as torneiras de casa vazando. Procurei fortalecimento espiritual dentro de mim. Viajei e deixei por vários momentos o corpo em descanso e dei asas para imaginação, elevando a alma poética para ritmizar o dia a dia do meu povo vivo e sofrido.

3 E nesse tempo o que vocês fizeram?
Império Z/O - A vida é um trem a milhão, sem breque e freio de mão, não para! Se parar o Senhor do tempo atropela. Andei curtindo minha família, esposa, meu filho que nasceu nesse meio tempo de ausência, compondo muito , ouvindo muita música,

ralando trabalhando pela música e também em uma metalúrgica. Pixote e Taty estão na corrida do trampo. O "Monstro do toca-discos", DJ Pow, esse esta mais a milhão do que o trem. Esta dando aula de DJ em sua goma, em uma ONG, tocando na noite e produzindo .

4 Quando o Império Z/O volta às atividades de vez. Há previsão de novo disco?

Império Z/O - Não gosto de trabalhar com data, mas certeza que no primeiro semestre de 2012, pois estou com muita letra pra ser trabalhada. Quando o espírito sentir que ficou de acordo já é, vai pra rua. É semelhante bolo de mãe e vó ,tem o tempo certo no forno e se sair antes desanda. Acredito que nada é por acaso, tudo tem sua hora. Mas antes do Império Z/O eu venho com um trabalho paralelo com Britão Lado Leste, lançando "DUE-TO CHOQUE".

5 O que o público pode esperar desse retorno?

Império Z/O - A meta é superar para surpreender e chegar com letras direcionadas a RAPa que vive esse cotidiano louco. Levadas inovadoras, diversidade nas produções, pelo fato de ter vários produtores, participações

de várias personalidade. Entre outros que só conferindo mesmo

6 Como você, Axé, avalia a carreira do Império Z/O?

Império Z/O - Amadurecimento é a melhor palavra para definir o grupo. O RAP no meu ponto de vista passa pela melhor fase, pois quem está é verdadeiro com quem consome. Quem está e vai despontar na cena, enxergou que o RAP é muito mais que um simples gênero. RAP é música, e música de qualidade a nível de estudo, debate. E também é música simplesmente para sensibilizar, arrepiar a pela... Coisas que não têm explicação.

7 Quais as conquistas mais importantes nos últimos tempos e o que ainda esta faltando ?

Império Z/O - Temos várias conquistas dignas de aplausos, no que se refere a ganhos materiais e status. Que são muito importantes. O aprimoramento na área administrativa do RAP é umas das maiores conquistas, pois isso é que da sustentabilidade e faz nos mantermos o gráfico da bolsa sempre em alta tornando as ações boas de se investirem. Ações de uma empresa chamada RAP. O RAP é negócio e tem vários dentro de chapéu.

IMPÉRIO Z/O

8 Hoje em dia se tornou fácil gravar um disco se comparado com alguns anos atrás, como você analisa os novos grupos que estão surgindo?

Império Z/O - Recebo muitos CDs e som por email. Escuto todos e quando posso desenrolo umas ideias com esses grupos. Tem alguns que estão muito preparados para invadir o cenário com maturidade e outros que só tem a preocupação com o sucesso. Até então não há problema algum, mas o sucesso castelado não é glória própria e muitos querem trilhar carreira igual Racionais, Facção, MV Bill e outros.

Primeiramente temos que analisar o que é o seu sucesso, você pode não estar na mídia, seja ela do RAP ou televisiva, mas tem que estar bem com o seus propósitos, sentir-se bem com o que canta e o que faz, pode ser sucesso para alguns. Semelhante um grupo que corre comigo desde 1999, chamado Código de Morte. É um grupo bom até umas horas, mas no momento o sucesso deles é estar na correria e cantar entre família e amigos, na real, (risos) eu que estou querendo arrastar eles pra ir mais além.

9 Qual conselho você dá para quem está começando agora?

Império Z/O - Ser original e estar bem com o que esta fazendo. Respeitar, mas ao mesmo tempo ser audacioso. Ter preocupação com levada e musicalidade, sem deixar o compromisso jogado ao vento. Seja no estilo que for: gangsta, romântico ou undergorund, faça de forma inteligente. Inove sempre.

10 O RAP gangsta ainda é a vertente mais forte que representa a periferia?

Império Z/O - Música boa com raiz representa a periferia, seja ela

RAP ou não. Para mim isso é ser gangsta e fazer revolução, seja de forma avassaladora ou em metro quadrado, o importante é em quem você mira e em quem você atinge.

11 Você sempre escreveu letras fortes e sempre mencionou Deus em suas rimas. O que você pensa dos grupos que de RAP ateu?

Império Z/O - Na real com 20 anos de RAP não encontrei nenhum grupo com este teor musical. Até já fui considerado o tal por causa da música "Na corte do diabo". Mas tudo é questão de tempo para conhecer um ser que é maravilhoso, que se assemelha a brisa, que não vemos, mas sentimos e sabemos que existe, então não acho nada. Na vera? Acho da hora pois tem cena que o sofrimento ensina, e quem não tem DEUS há de sofrer demais. Então só tenho a dizer bom aprendizado.

12 Grupos de RAP em programas de televisão qual sua opinião?

Império Z/O - Não acho da hora, porque não fui, (risos). Na moral já foi esta fita que RAP não tem que ir na TV, temos que ir mesmo. É igual o que o Ferréz disse, não temos culpa da nossa

vida ser mais interessante do que a vida dos boys. Deixe eles escutarem, pois há grande diferença entre escutar e ouvir. Temos que chegar nesses veículos de comunicação e entrar sem medo de ser feliz.

13 Defina o Império Z/O na vida de Mano Axé?

Império Z/O - É Estado de espírito, remédio para alma em dias conturbados, morfina para dor. É como estar com fome no Haiti e poder degustar, não do alimento mais caro e sim degustar da comida mais simples, feito pela nossa mãe.

14 Salve...

Império Z/O - A família Império, a minha família, esposa e filho, minhas quebradas, pois não é uma são várias, a RAPa da Hermoneges Rosas, Capela da Lagoa, BNH Pan-americano, Xurupita, Condomínio Jaraguá, Ipanema Aurora, Vila Rasina, C Ponto M, Britão Lado Leste, Duetto Choque e a todos fãs do Império. Aguardem...

Para entrar em contato com o Império Z/O ligue (11) 39421763.





Por Cristiane Oliveira

O Distrito Federal é uma terra muito fértil para o RAP Nacional, em contra mão à ligação que nosso senso comum faz quando falamos de Brasília, no RAP, a história é bem diferente, prova disso é o grupo Voz Sem Medo, três Candangos (maneira como são chamados os brasilienses) de respeito e atitude que acabam de lançar mais um CD.

O Grupo Voz Sem Medo surgiu no ano de 1996. Chamas, DJ Marola e Djara gravaram o som “Gangsta até a morte” e aceitam a alcunha de ser GANGSTA RAP pois veem este termo como a representação daqueles que falam sobre os problemas econômicos e sociais enfrentados pela comunidade.

De lá para cá muitas coisas mudaram, a proposta se renovou, mais na essência ainda carregam a bandeira de falar em terceira pessoa, de cantar a realidade de uma maneira abrangente sem precisar louvar a si próprios. “Mudamos física e psicologicamente é claro, temos mais entendimento sobre o mundo e sobre as coisas do mundo, através do conhecimento adquirido, passamos a escrever sobre problemas que são universais”, relata Chamas, que vê no RAP a possibilidade de falar para o público sobre assuntos que possam ir além da realidade que eles vivem. “Temos a

obrigação, como Rappers, de abordar também questões econômicas, sociais e espirituais em nossas crônicas, escrevemos para pessoas e elas necessitam disso”, comenta.

Após seis anos sem gravar, tendo lançado o último CD “Se você que saber”, no ano de 2005, o Voz Sem Medo volta com pique, disposição e principalmente muita sede. Sede de mostrar ao mundo mais este trabalho que é o terceiro na carreira do grupo e vem com o título: “Proibido para mentes menores”. “Embora o novo CD tenha demorado mais que o esperado a satisfação é grande, sabemos da nossa responsabilidade como grupo perante aqueles que curtem RAP nacional”, declara Chamas.

O novo CD do Voz Sem Medo tem participação de Realidade Cruel, Atitude Feminina, Provérbio X, entre outros. “A participação de outros grupos e cantores serve para enriquecer um trabalho, as participações vieram para somar tanto na levada como no back vocal e aconteceram de maneira natural, sempre que nos encontrávamos falávamos de criar um som juntos, então, conforme fomos produzindo, os convites foram sendo feitos, cada um com a sua cara”, explica Chamas.

Para a produção e a concepção deste trabalho DJ Marola fez uma pesquisa mi-

nuciosa. “Eu ouvi uns 200 discos de vinil e fiz também muita pesquisa na internet, samplei muitos sons antigos. A produção foi dividida por mim, DJ Rafa, Gibe e Duck Jay, a participação desses produtores foi importante para termos um diferencial em cada música”, garante Marola.

Após quinze anos de carreira, os membros do Voz Sem Medo assim como a maioria dos Rappers, ainda não vivem de RAP, para sustentar o amor ao hip-hop precisam se dedicar a outras funções, e dividem o tempo entre a profissão e sonho, as dificuldades enfrentadas por eles são em geral as mesmas recorrentes a outros artistas. “O tempo é o nosso maior inimigo, também temos uma responsabilidade, para nós do VSM uma música não é só uma música, um CD não é só um CD é muito mais, é a nossa história, então tentamos caprichar o máximo, encarte, letras, produções e muita dor de cabeça”, desabafa Djara, que vive os desafios mas brinda as vitórias e o prazer de dedicar-se ao RAP. “No final é muito gratificante saber que vencemos as dificuldades e conquistamos o nosso objetivo, um CD feito por nós mas principalmente feito para todos que amam o RAP nacional”, pontua.

Para conhecer um pouco mais sobre a história do Voz Sem Medo e fazer o download de alguma músicas acesse www.vozsemmedo.com.br.



SEM MEDO

Salve do Voz Sem Medo

“Primeiro queremos dizer que para nós do VSM é uma satisfação estarmos no RAP, num momento tão importante, onde a revolução está sendo feita não com armas e sim com informações, não com violência e sim com esperança. Queremos dizer para você que esta dentro de um ônibus voltando do trampo e que não conseguiu segurar a ansiedade, rasgou o plástico e esta lendo sua revista, voltamos no passado e lembramos de quando nos alistamos nesse exército, sabíamos que seríamos soldados, mas não que nos tornaríamos poetas. Leia, informe-se, atualize-se, decore. Lembre-se você não precisa ser o melhor, basta jogar no time dos melhores. Fé em Deus e paz para todos”.



#POUCAS PALAVRAS

O primeiro livro de Renan Inquérito

Novo projeto do Inquérito inclui
livro de poesias e videoclipe que
homenageiam a literatura marginal

Na missão de escrever a própria história – de vida – e também mais um capítulo no hip-hop, Renan Inquérito, que propõe Mudança, apresenta agora mais um projeto: #PoucasPalavras, assim mesmo, com hashtag em tempos de twitter e mídias livres. É um livro de poesias, um videoclipe, um tributo aos escritores contemporâneos, uma homenagem aos comunicadores da cultura popular brasileira. Incentivo à leitura através da música e, assim, Mudança – como diz o nome do terceiro álbum do grupo Inquérito – mais uma vez.

Conhecido por brincar com as palavras, seja oralmente ou nas grafias, Renan transpõe para o papel o dom, que ele mesmo define. “Acho que nasci para isso. Eu amo fazer isso”. Mas, antes de se assumir como poeta e transformar isso em livro, com direito a um lançamento inédito e digital – via twitcam para gente de todo país – e vários presenciais por todo o Brasil, Renan já foi sorveteiro, empacotador e mecânico. Já quis ser jornalista. É professor. É acadêmico e entre todos ofícios que poderia escolher, aprimorou-se no que melhor lhe cabe: arquiteto de palavras. Mc, compositor, poeta e com Inquérito no nome, apura, investiga, argumenta, sem se deixar arquivar e é assim, sem parar, que apresenta a obra de 156 páginas, em formato de bolso: poucas, grandes, médias palavras. Sem palavras. O livro, que teve editoração de Toni C., é dividido em quatro partes, com poesias inéditas,

pequenas frases – tuitadas ou não – letras do Inquérito, ilustrações do graffiteiro Mundano e fotografias em preto e branco de Márcio Salata. Monocromático que faz enxergar a periferia com todas as cores da vida.

Com a poesia no DNA, como ele mesmo brinca, a primeira lembrança como poeta/compositor surge da infância de Renan, quando, na primeira série, fez um texto sobre a natureza e o musicou ali mesmo, na sala de aula. De lá pra cá, não parou. “A primeira poesia que fiz e publiquei foi ‘O Corte que Cura’, para o jornal Ideia Quente, criado por mim mesmo em 2000. Mais tarde mudei o nome da poesia para ‘O C Consegue Cada Coisa’ e coloquei no primeiro álbum do Inquérito, o ‘Mais Loco que u Barato’”, lembra.

A habilidade com as palavras está



sempre presente e até mesmo na hora de escolher a fonte com que o livro foi diagramado: calibre 12. A escolha se dá, além do apelo visual, pela alusão que traz ao “calibre 12”. “Deixamos armas – livros – na mão de pessoas da periferia. Armas calibre 12”, brinca Renan.

E esta experiência de brincar com palavras e fazer músicas com uma única letra lhe rendeu novas composições, como a “Mister M”, que entrou no disco mais recente. “Quando fiz a primeira, comecei a escrever e ao me dar conta que a maioria das palavras era com a letra C eu pirei. Parei e apaguei todas as outras palavras que começam com outras letras só para construir algo que fosse todo com ‘c’. Aí caiu a minha ficha de que o que eu fazia era poesia”, conta.

O prefácio de Sérgio Vaz, poeta e fundador da Cooperifa, e o comentário na orelha de Alessandro Buzo referenciam o livro, que embora utilize-se da tecnologia, presente até mesmo no nome, não engana: tem origem na fonte dos saraus das quebradas, na literatura marginal, periférica, divergente ou qualquer que seja o nome que utilizem para batizá-la, mas que faz Mudança.

E assim, de maneira independente – como sempre foi no RAP – Renan lança a primeira edição do primeiro livro, comemora os bons resultados do videoclipe e ensina, educa, não apenas geografia em sala de aula, mas “À queima roupa”, como é intitulada uma de suas poesias.



VIDEOCLÍPE #POUCAS PALAVRAS

Além do livro, o Inquérito lançou em novembro – quando completou um ano do disco *Mudança nas ruas* – o videoclipe #PoucasPalavras, que teve a direção de Vras77, que já dirigiu os clipes *Mister M* e *Um Brinde*, também do Inquérito, e com participações de escritores como Alessandro Buzo, Sérgio Vaz, Sacolinha, Ferréz além de MCs, grafiteiros, Djs, produtores e pessoas que o grupo

acredita que estão pautando e escrevendo a própria história no hip-hop.

Para o jornalista e especialista em vídeos, Guilherme Bryan, o vídeo alcança o objetivo ao qual se propõe. “A periferia mostra sua força através deste videoclipe. Admiro o trabalho do Vras77 e a obra, em preto e branco, chama atenção pela maneira eficaz com que as imagens se ligam

uma às outras no ritmo da canção e criam contrastes baseados apenas na interação entre diferentes tons das mesmas duas cores (...)”.

Serviço – Para saber mais sobre o livro #PoucasPalavras ou o grupo Inquérito, acesse o site: www.grupoinquerito.com.br

Vendas do livro:
www.Rapnacional.com.br/loja

FOTOS MÁRCIO SALATA



Renato Tatuagem
Guerreiro da Sul
www.renatoguerrero.com.br
TATUAGENS ARTÍSTICAS, COLOCAÇÃO DE PIERCINGS COM MATERIAL DE
ÓTIMA QUALIDADE E ESTERILIZADOS NO AUTO-CLAVE. AGULHAS DESCARTÁVEIS.
Profissional com anos de experiência.
5524-8803 6363-3948
Av. Nossa Senhora de Sabará, 2651
QRKUT: renatoguerrero@guerreirosul@hotmail.com
FACEBOOK: renatoguerrero@guerreirosul@hotmail.com
TATUAGEM SO PARA MAIORES

JÁ NAS LOJAS
O DISCO DO GRUPO ATRUP
Contato para shows
e venda de CD's
(11) 7701-4156
107*79136
a_trup@hotmail.com

Seven Lox, o RAP Africano qu

Vindos de Guiné Bissau, Riztocrat e Lenzo Rizzo têm conquistado espaço

Por Cristiane Oliveira

Inicialmente a ideia era vir para o Brasil para estudar, mas os caminhos trilhados por Riztocrat e Lenzo Rizzo se cruzaram, e assim no ano de 2002 nasceu o Seven Lox.

Lenzo conheceu o Hip-Hop através da dança. “Eu era fascinado pelo break, com o tempo fui prestando atenção nas letras das músicas que eu dançava e com isso acabei fascinado pelo RAP”, explica.

Já Riztocrat conheceu o Hip-Hop quando em 1995 ganhou o primeiro CD de RAP. “Fugees – The Score, foi meu primeiro CD, a partir dali comecei a me interessar pelo RAP e pelo Hip Hop, curtir artistas como Notorious B.I.G., Tupac, DMX, Snoop, Method Man & Redman”, diz

Conquistados pelo Brasil, ambos pretendem continuar por aqui e destacam que só voltam à Guiné Bissau para visitas ou para fazer shows. Sobre as peculiaridades de se fazer RAP em terras tupiniquins, tanto Lenzo quanto Riztocrat entendem que existe sim uma diferença. “Fazemos um tipo de som diferente daquele que as pessoas estão acostumadas aqui no Brasil, por consequência as opiniões são misturadas, uns amam e outros odeiam, é um desafio”, comenta Riztocrat.

Percebendo a riqueza musical no som da dupla, vários Djs já incluíram algumas das músicas do Seven

Lox em seus sets.

Para tentar agradar a maioria o Seven Lox poderia mudar seu estilo e se render ao chamado “RAP de Consumo”, aquele típico som, onde basta você imitar alguém e seguir a mesma linha, que a aceitação será certa, ao contrário disso, a propos-

ta do Seven Lox é fazer com que seu público adapte-se a este novo trejeito do RAP afro-brasileiro, e ao definir o RAP no Brasil Riztocrat é bem categórico. “Como produtor tenho uma opinião que pode ser resumida com essa frase: Alguns poucos (e seletos) ótimos jogadores e muitos jogadores ruins”, dispara.



que tem feito barulho no Brasil

ço dentro do cenário da música RAP no Brasil.

“FAZEMOS UM TIPO DE SOM DIFERENTE DAQUELE QUE AS PESSOAS ESTÃO ACOSTUMADAS AQUI NO BRASIL, POR CONSEQUÊNCIA AS OPINIÕES SÃO MISTURADAS, UNS AMAM E OUTROS ODEIAM, É UM DESAFIO”



photo by Marcelo Monegal



RADIO ATOMIC

Recentemente lançado o CD “Radio Atomic” é o quarto trabalho, mas o segundo álbum oficial do Seven Lox, que ao longo desses nove anos de carreira também lançaram uma Demo, um EP e um primeiro CD com título Homônimo ao grupo.

Radio Atomic, é uma mistura de sons, timbres, batidas e influências, trás a essência do RAP para as pistas, mas ao mesmo tempo é carregado de toques envolventes com tons expressivos, o CD possui 12 faixas, produzidas por PLG, Joe Black e Riztocrat, que formado em Produção Musical consegue carregar a sincronia da dupla às produções. Para Riztocrat o novo CD do Seven Lox é a soma de coisas que aconteceram com eles e ao redor deles durante um período de tempo e deve ser encarado como uma fase. Já Lenzo, um pouco mais emocionado, resume. “Muita dedicação, muita correria, muitos anos de elaboração, muito conhecimento, vários amigos e um amor, música”.

Para fechar a parceria Lenzo Rizzo e Riztocrat contam com a participação no shows do Dj DeeJay (Da Guedes) e do assessor Fabrício Milkshake.

Para adquirir o CD “Radio Atomic” ou conhecer mais sobre o Seven Lox acesse: <http://www.sevenlox.com/>



MC Cauan lança disco "Pequeno no tamanho grande no talento"

Por Paula Farias

MC Cauan é um fenômeno do RAP NACIONAL. Com apenas sete anos o moleque esbanja talento e carisma.

E o que poderia parecer brincadeira de criança, na verdade é algo muito sério. MC Cauan já tem amor pelo RAP NACIONAL desde quando ainda estava na barriga de sua mãe e já ouvia as rimas que seu pai cantava.

A trajetória do pequeno rapper é algo impressionante, ele faz parte da Produtora Bola8 Produções, do DJ Bola8, e já participou de diversos programas de televisão entre eles Raul Gil, Eliana, Tele Tom, Silvio Santos. Em todas suas apresentações conquista os aplausos da plateia.

E como não poderia faltar o público do RAP também já teve oportunidades de prestigiar de perto o pequeno MC.

Cauan participou de grandes shows de RAP NACIONAL, entre eles o lançamento da Mixtape O Jogo, Dexter & Convidados, em Diadema, e O RAP Não Para, na zona sul da capital paulista.

E sem dúvida o show mais importante da carreira foi em novembro do ano passado, em Mauá/SP, onde lançou o disco "Pequeno no tamanho grande no talento".

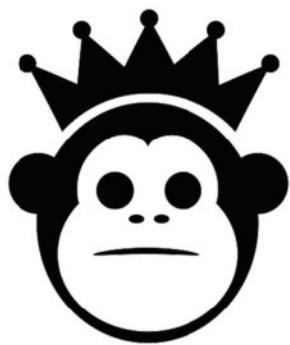
Foi uma linda festa que contou com a presença de nomes de peso do RAP NACIONAL que fazem parte do disco. Dexter, Ndee Naldinho, Inquérito, Sombra, Nego Jam, Erick12, Vigilantes MC'S, DJ Bola8, e a pra completar a dupla de repentistas Caju e Castanha.

Além de todas essas participações especiais que fazem parte do álbum, toda a produção do disco foi feita pelo renomado produtor Erick12.

MC Cauan representa a nova geração do RAP que dará continuidade ao ritmo das ruas.

O CD de MC já está a venda nas principais lojas do ramo, inclusive na Loja Rap Nacional. Mais informações no (11) 8506.0747 / ID111*107462





KINGS
sneakers

**NAS LOJAS
KINGS NÃO
FALTA OPÇÃO!**

**WWW.
LOJAKINGS
.COM.BR**

(11) 3223-1624

Av. São João, 439 – Lojas 20 / 34 / 35 / 111 / 167 - Centro - São Paulo - S.P



www.facebook.com/lojakings



www.twitter.com/loja_kings

O espaço estiloso vai analisar e trazer os últimos lançamentos em vestuários, acessórios e objetos de desejo

CAMISETAS VILÕES

As camisetas grafitadas são verdadeiras obras de arte. Feitas manualmente pelo grafiteiro WG, de Teresina/Piauí. Todas são peças únicas, porque mesmo que o desenho seja o mesmo, cada trabalho tem um toque especial. Na Loja RAP NACIONAL você encontra camisetas grafitadas com o rosto dos principais rappers gringos.



PREÇO: R\$70 | COMPRE: WWW.LOJARAPNACIONAL.COM.BR

DEXTER NA IDASUL

Dexter é o novo parceiro da marca. Um dos ícones do RAP Nacional, agora usa IDASUL.



CAMISETAS HUSTLER

A marca Hustler, famosa pelos filmes pornográficos, tem provocado os mais conservadores com as estampas da nova coleção. Feitas em malha 100% algodão, as camisetas trazem em sua maioria mulheres semi-nuas

PREÇO: R\$129 | COMPRE: WWW.LOJAKINGS.COM.BR



BONÉ OFFICIAL



Os bonés da marca Official são inspirados na cultura de rua e por isso se adaptam ao estilo que o público do RAP NACIONAL curte. Esse modelo que apresentamos traz as iniciais de Los Angeles, mas os modelos são inúmeros. A qualidade dos bonés Official são excelente!

PREÇO: R\$99 | COMPRE: WWW.LOJAKINGS.COM.BR



Rolê em Los Angeles

Por Igor Moraes

O ano acabou de começar e estou com muitas novidades para compartilhar com vocês. Estive dando um rolê nos Estados Unidos, mais precisamente em Los Angeles, a maior cidade do estado da Califórnia. Lá visitei o QG de várias marcas bacanas e pude comprovar que os gringos tem o pensamento lá na frente e trabalham de uma maneira muito certa.

Uma das empresas que mais me chamou a atenção foi a pornográfica Hustler. Isso mesmo! Pornográfica. A Hustler é uma marca de produtos pornôs, revistas, DVDs e que agora entrou na cena Street Fashion. A ideologia dos caras é uma loucura. E todos na empresa seguem a mesma ideologia, desde a mulher que trabalha na recepção até o presidente da marca.

Eles acreditam que a luxúria é o cami-

nho certo. Eu particularmente sou contra, mas cada um, cada um, né parceiro... A Hustler é muito conhecida nos Estados Unidos, mais do que a Playboy é no Brasil. E a marca tem se expandido mundialmente, foi aí que o fundador da empresa, Larry Flynt, teve a brilhante ideia de entrar no ramo da moda. E como Larry Flynt não joga para perder, investiu pesado em camisetas, bonés, capacetes e acessórios. Todos os produtos tem estampas de mulheres seminuas. Esses produtos já caíram no gosto do público americano e se tornaram um sucesso de vendas por lá.

Sem questionar se a ideologia da Hustler é certa ou errada, o que pude perceber é que a determinação da Larry Flynt fez toda a diferença na história da marca, que foi fundada em 1974 e além de trabalhar com pornografia, tem também cassinos, clubes e bares. Flynt acredita muito na luxúria. “Quem diz que não gosta de luxúria está mentindo. Eu fui o único a dar à cara a tapa para bater e assumir que acredito na

luxúria”, garante o chefe da Hustler. A marca passa uma ideologia tão forte que durante uma visita a sala do gerente comercial me deparei com a frase: “Eu acredito na luxúria”, estampada em um quadro.

E como a moda lá fora influencia muito nos hábitos dos brasileiros, as camisetas com mulheres semi-nuas estão esourando de vendas no Brasil. A marca Hustler pode ser encontrada nas melhores lojas, inclusive na www.lojakinggs.com.br.



Solidariedade que acontece: Hip-Hop move o Moinho em evento social

#FestivalMoinhoVivo arrecada mais de 800 quilos de alimentos e recebe três mil durante evento feito por militantes, artistas e moradores

Texto Jéssica Balbino | Fotos Márcio Salata

Realizar a cobertura do evento #FestivalMoinhoVivo é bem mais do que fotografar, estar atenta a cada detalhe, gravar ou anotar entrevistas importantes ou reportar, no minuto seguinte, o que acabou de acontecer. É entender o real significado da profissão, do que é ser cidadão e estar inserido no mundo. É mais que militar no contexto do hip-hop ou da literatura. É ajudar a construir, escrever, reportar e eternizar a nossa história, marcada por muitas afrontas, lutas e derrotas, mas, mesmo diante da sensação de impotência, sempre em busca da vitória. Assim posso tentar resumir o que aconteceu no dia 22 de janeiro na Favela do Moinho, no central da maior metrópole da América Latina.

Shows de RAP e intervenções de todos os elementos da cultura hip-hop foram o chamariz para a festa que teve como objetivo ajudar as famílias que desde o último dia 23 de dezembro vivem em situação ainda mais precária – se é que isto é possível – após um incêndio ocorrido dentro da favela.

A iniciativa por parte do Movimento Hip-Hop Revolucionário (MH²R), em parceria com moradores, comunicadores e militantes, resultou numa das mais bonitas cenas já vistas no país: coletividade e ajuda.

O clima foi o mesmo do início da década de 1980. O hip-hop pelo social, por quem precisa, unido. Confraternização, humanização e a lembrança de que a Favela do Moinho existe não apenas

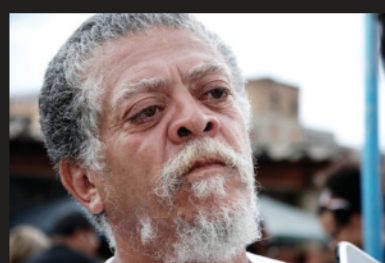
num domingo que teve sol, chuva, frio e calor, mas em todos os dias.

Camas improvisadas e miséria latente. Pessoas que cruzam, a todo momento, a linha do trem e se arriscam, não apenas nisso, mas numa sobrevivência que é toda de repente, no susto: desde os barracos – que podem desabar, ser incendiados ou demolidos – à resistência cotidiana, de enfrentar, mesmo com toda dor, todas as cores da vida. Este é apenas um dos cenários das famílias que residem na favela, em sua simplicidade, em sua sofisticação, em todo seu universo, que recebe de braços abertos um grande evento sem saber ao certo no que isso pode ser bom, mas que coloca um sem número de crianças, homens e mulheres empunhando sacos de lixo para recolher as latinhas e pedaços de plástico descartados.

“É um jeito de fazer um dinheiro durante a semana”, exclama uma moradora, que foge da entrevista, mas sorri ao encontrar duas latinhas vazias e jogá-las dentro do saco que carrega e que RAPidamente se enche.

Além do entretenimento, o evento apresentou também o lançamento da Associação Cultural e Reciclagem, que tem como objetivo garantir o uso do espaço, já ganho em batalha judicial pelos moradores.

O #FestivalMoinhoVivo recebeu cerca de 3,3 mil pessoas e arrecadou mais de 850 quilos de alimentos, o suficiente para lotar uma sala de pouco mais de 25 metros quadrados.



IDASUL

Desde 1999



Vendasul

SOMOS A IDASUL A GRIFE DO RAP NACIONAL



LOJA 1

CAPÃO REDONDO - SP

(11) 5870-7409

AV COMENDADOR SANT'ANNA, 138

LOJA 2

GALERIA - CENTRO - SP

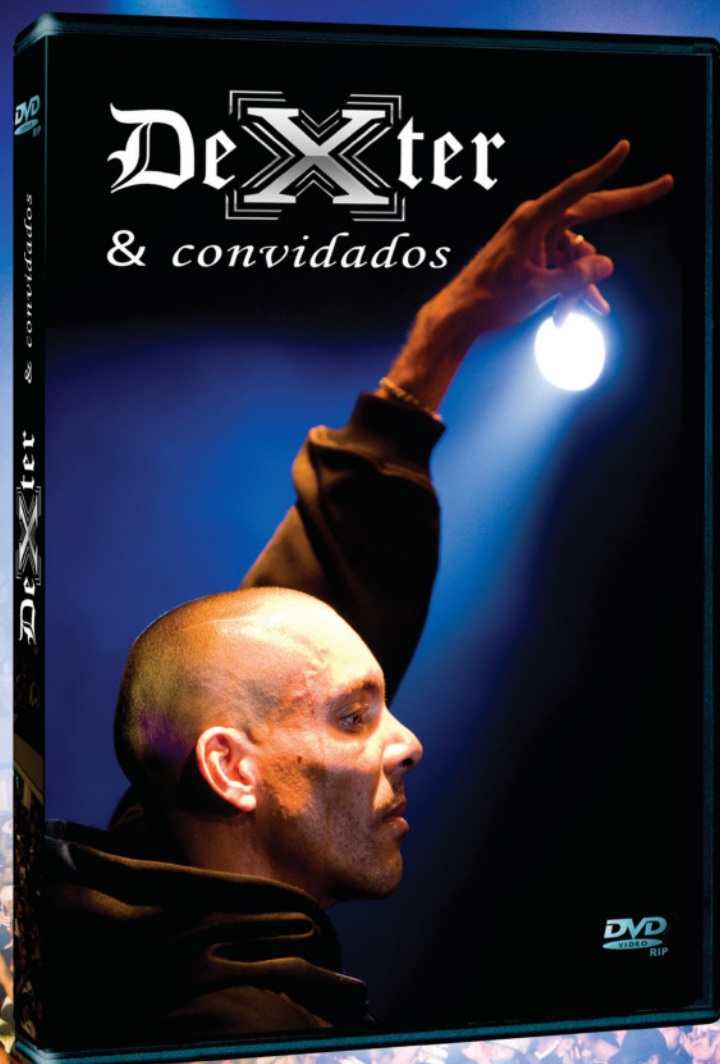
(11) 3222-8387

RUA 24 DE MAIO, 62

CHEGOU O DVD MAIS ESPERADO DO ANO !

DeXter

& convidados



PARTICIPAÇÕES

MANO BROWN

GOG

EDI ROCK

THAIDE

DOUGLAS (RC)

PAULA LIMA

FERNANDINHO BEAT BOX

RAPPIN HOOD

E MUITO MAIS

EXTRA:

DOCUMENTÁRIO

CONTATO PARA SHOWS
BOIAFRIA@BOIAFRIAPRODUcoes.COM
(11) 3294-9757/9635-9989

Realização





GOG: o poeta do RAP NACIONAL

Texto Elaine Mafra | Entrevista Elaine Mafra e Mandrake | Fotos Tatiana Reis

Gog é cria do cerrado brasileiro. Filho de nordestinos, nasceu em 1965, 15 dias após seus pais chegarem à Brasília. Genival Oliveira Gonçalves é da primeira geração do RAP NACIONAL e ainda na década de 80 formou o grupo de dança “Magrello’s Pop Funk”, que mais tarde se tornaria o grupo de RAP “Os Magrello’s”. “A Vida” é o primeiro registro fonográfico de GOG. A música foi gravada em 1990 e fez parte da coletânea “RAP Ataca”, do Selo Kaskata’s.

Desde o início da carreira as letras escritas por GOG chamavam a atenção por seu engajamento político e preocupação com a

educação. A realidade da periferia foi transformada em poesia e depois cantada em RAP. Não demorou para o rapper GOG ser considerado o poeta do RAP NACIONAL. Isso quando literatura e RAP não pareciam caminhar lado a lado. Vinte anos depois de gravar a primeira música, GOG lançou o primeiro livro da sua carreira. “A Rima Denuncia” traz 48 letras de RAP trabalhadas em formato literário.

GOG transita livremente entre vielas com esgoto escorrendo pelas calçadas, ruas de chão batido e gabinetes refrigerados por potentes ares-condicionados. Nunca se candidatou a cargo al-

gum e não vê com bons olhos artistas do hip-hop que almejam esse caminho. Mas defende que o movimento tenha mais força política.

Para 2012 GOG, ou G.O.G. como alguns preferem, prepara o álbum “Peso da Palavra”. O décimo disco da carreira apresenta uma mescla musical através das diversas participações. Os temas ainda são os mesmos, mas com abordagens renovadas. GOG tem muito a falar e muito a ensinar. Na entrevista que você confere nas próximas páginas ele solta o verbo sobre diversos assuntos que fazem parte do cotidiano do hip-hop, da militância e da música.



Na sua opinião a autogestão é uma alternativa para o movimento hip-hop se manter forte sem depender de grandes empresas e grandes mídias?

Autogestão, significa gerenciamento próprio, o que não elimina de forma alguma relações com grandes empresas e a grande mídia.

Podemos sim aprender, e muito, com esses setores, que têm aprendido muito com a gente. As grandes corporações “nos descobrem, nos apresentam e lucram muito com isso”. O problema é que o rateio do lucro gerado não é leal, a divisão é injusta, praticamente inexistente.

A autogestão pode nos ajudar, pois nos dá a oportunidade de aprender, conhecer e interferir em todas as etapas da criação do nosso trabalho ou bem de consumo, negociação de shows, montagem de espetáculos, escritórios, confecções, editoras, selos independentes, enfim, uma infinidade de relação internas. Perceba que a partir daí, a relação com o “mercado” deixa de ser uma questão de sobrevivência, imposta, passando a ser acessória, uma opção.

O conhecimento e controle dos processos nos deixa mais fortes e preparados para enfrentarmos relações políticas e econômicas que passam a fluir com maior autonomia.

Exemplos de vitória no campo da autogestão são os Coletivos PESO(Periferia Soberana), enraizado no extremo leste de São Paulo, no Jardim Pantanal, Cooperifa, na Zona Sul de São Paulo e a Blackitude em Salvador que através do corpo a corpo com a comunidade despertaram um sentimento de respeito que permitiu o acesso desses coletivos às suas trincheiras. Em contrAPartida, essa possibilidade trouxe aos jovens e nem tão jovens integrantes, auto-estima e a oportunidade, através da organiza-

ção popular, de promover mudanças significativas onde vivem, promovendo arte e cultura com inquietação.

Os trabalhos desenvolvidos por estes e outros “Quilombos Culturais” espalhados pelo país, têm muito do empreendedorismo, ramo do conhecimento quase desconhecido e raramente presente nos círculos de debates e discussões promovidos pelo hip hop.

Temos o instinto, nos falta o aprofundamento.

Muitos profissionais do hip hop não têm sequer um release bem escrito, desconhecem ou simplesmente criticam e não participam de chamamentos públicos e outras políticas públicas que podem vir a nos beneficiar.

Dialogamos pouco com outros estilos musicais, muitas vezes, por puro preconceito, ou seja: a radiografia nos mostra um quadro de desconhecimento, despreparo. Apesar da nossa força de vontade, do nosso amor verdadeiro e incondicional a nossa cultura, ainda somos amadores nessa relação. É verdade, estamos caminhando para melhores momentos, as discussões e os temas pipocam, mas muito lentamente.

“A locomotiva tem loucos motivos para avançar em maior velocidade.”

Outro ponto: Nosso movimento quase não dialoga consigo mesmo. Falamos muito de shows, de flows, dos outros e pouco de estratégias que nos manterão vivos e ativos por longa data.

É raro ver artistas vestindo camisetas de outros grupos, dando parabéns pelas conquistas, percebendo-as como coletivas.

As homenagens são apenas aos que já se foram.

Como bem diz o Rapper Gato Preto: as rosas têm que ser dadas em vida, para que possamos apreciar o seu perfume.

A primeira geração do hip hop, a qual

pertenço, apesar de todo o talento e significância incontestáveis que tem na formação dos alicerces do nosso movimento, construiu poucas bases materiais: raras são as lojas e marcas de artistas, grupos com estrutura técnica e mecânica para as apresentações, não formamos dentro da comunidade profissionais de apoio como roldies, técnicos de som, luz, etc. Os veículos de comunicação como revistas especializadas, que no meu entender, devem agregar às suas entrevistas, além do hip hop, representatividades negras e periféricas de um modo geral. Elas são poucas e carecem de um circuito de distribuição nacional. Os sites de hip hop são das poucas mídias que conseguiram se estruturar, mas ainda encontram-se frágeis economicamente.

Precisamos anunciar, comprar nos sites, prestigiar nossos artistas, presentes e resistentes nos quatro elementos, gerando emprego e renda, e consequentemente um PIB(Produto Interno Bruto) nosso!

A crise do hip hop não é o funk.

É uma crise interna, nossa, devido a forma de enxergar as relações. Os ingredientes necessários para superá-la são: diálogo, conhecimento e estratégia.

Tudo com respeito, foco e disciplina.

Nessas três décadas de hip hop, mesmo com as carências expostas crescemos muito, modificamos vidas, interferimos na comunidade, somos o maior movimento musical e cultural do planeta, mas não podemos nos iludir, nem nos dispersar. Temos que acordar todos os dias com a certeza que ainda há muito por fazer e aprender.

2 Com a internet e a pirataria já não se vendem tantos discos como em 1992, quando você lançou seu primeiro trabalho. Que



considerações você tem a fazer sobre o mercado fonográfico do RAP NACIONAL?

O mundo mudou, é praticamente outro, se comparado ao início dos anos 90 do ponto de vista das relações fonográficas.

Meus lançamentos eram feitos apenas em vinil com uma tiragem de 1.000 cópias. Meu primeiro trabalho vendeu 1.500 exemplares.

Os anos 90 foram o auge mercadológico do RAP no Brasil, cheguei a vender mais de 100.000 cópias de um único lançamento.

A fogueira que proporcionava esse aquecimento eram as gravadoras, a grande maioria independentes, com dezenas de lançamentos mensais. As rádios comunitárias aqueciam mais ainda esse momento musical, só a Zona Sul de São Paulo existiam mais de 4.000!

Foi visitando uma delas que conheci o Poeta Sérgio Vaz que me ouviu na rádio e foi lá me conhecer, mostrou projetos ambiciosos que hoje são símbolos de vitória e empreendedorismo.

Em Brasília tínhamos a Discovery, gravadora que possui o maior catálogo de RAP nacional do país, muitos bailes, várias comunitárias, grandes produtores musicais, grupos lendários e um Dj chamado Celsão, que percorria todas as satélites e entorno com o seu "Mix Mania".

Por todo Brasil a caminhada do hip hop acontecia, tornando-o mais conhecido, divulgado, mas em determinado momento travou o fluxo!

E o pior, o fluxo dos produtos e dos grupos.

Ainda hoje, não temos um circuito nacional para que o artistas possam apresentar seu novo trabalho ou espetáculo pelos estados.

Isso é um absurdo!

Fechamento de selos independentes,

rádios comunitárias, fim de revistas, Zines e várias outras publicações foram alguns dos complicadores. Restou uma equação para qual temos que buscar a resposta.

Não podemos parar!

Isso acontece paralelamente ao crescimento da pirataria, que nunca nos afetou tanto, e da internet.

Acredito que alguns dos pontos foram cruciais:

- Não nos profissionalizamos o bastante, deixamos nosso quintal vazio, ou seja, a corrida para o centro em busca de oportunidades gerou um vago cultural na comunidade que outros acabaram ocupando.

- O hip hop prometeu demais, fez muito, e o que faltou causou frustração em vários praticantes, ouvintes e amantes. Não somos os únicos porta-vozes da favela, somos uma voz entre várias.

- Quem sustentava a base econômica do hip hop eram os empresários, e quando aplicar na bolsa de valores ou outro negócio passou a ser mais rentável que investir no movimento, eles não pensaram duas vezes, migraram. Restou apenas a pouca estrutura que tínhamos montada, e é a partir dela que temos que construir, e em pontos, reconstruir nosso projeto musical, cultural, popular e transformação social.

Quanto à internet, trata-se do meio de comunicação mais democrático que conhecemos. Através dela vejo um grande galho de sustentação do fluxo (apresentação e divulgação) do que geramos e queremos apresentar ao mundo.

Para isso, temos que nos especializar, sermos ambiciosos no sentido de aumentar nosso espaço no mundo virtual, nos aproximar desse público consumidor e divulgador, nos tornando conhecedores das ferramentas.

A internet gera também um boca a boca, afinal, a maioria dos internautas

são apreciadores, consumidores, que distantes do computador, falam do que conheceram navegando.

A trupe paulistana "O Teatro Mágico" são campeões de vendas, do que geram através da autogestão, em shows e na internet.

Fabricam o cd em casa. O primeiro trabalho vendeu mais de 100.000 cópias, as apresentações são lotadas em todos os cantos do país. Eles são independentes e guiam o seu próprio rumo profissional aproveitando ferramentas atuais e de grande poder de divulgação.

Isso não significa abandonar o processo tradicional, mas pesquisar e se aprofundar em outras relações artista-público.

Ser independente é ser dependente das relações sociais pautando pela autonomia.

3 O que levou você a liberar várias faixas do novo disco para download? Desde 2007 adoto esta prática, com o lançamento do "Cartão Postal Bomba!".

Todos os meus trabalhos e vídeos estão disponíveis para download gratuitos no meu site www.gogRap-nacional.com.br - A minha música é uma forma de pensar o mundo e contribuir com ele. Daí vem a minha conclusão: não posso reter esse meu modo de pensar, reduzindo-o a um produto que só quem pode pagar tenha acesso, toda minha obra é domínio público.

No site você baixa todos meus discos, vídeos, gratuitamente e se achar importante faz a sua contribuição financeira.

Já tivemos mais de 500.000 downloads no site e a contribuições estão em torno de 3% disso, o que é bastante significativo e mostra que temos um grande campo de crescimento. Recebemos contribuições que R\$1,00





a R\$100,00. Nas apresentações temos nossos produtos num preço junto sendo negociado. Com essas ações, meu trabalho teve um grande crescimento, rompeu faixas etárias, classes sociais e econômicas.

4 Em “Peso da Palavra” você mescla participações de músicos de diversos estilos. Fale um pouco da importância de cada uma das participações na realização deste trabalho.

O “Peso da Palavra” será o título do disco.

É também uma faixa que conta com as participações de Higo Melo (Ataque Beliz) e de Zeca Baleiro.

É vital para o nosso crescimento derrubar barreiras, desprezar fronteiras, afinal, música é uma manifestação universal, e quanto mais diversa, mais rica ela se torna, melhor para o planeta.

Outros encontros aconteceram: Dhi Ribeiro, Ellen Oléria, Fernando Anitelli, Kiko Santana, Zé Brown, Kalyne Lima, Wellington Abreu, Raquel Trindade, Máximo Mansur, Alexandre Natiruts e olha que o disco ainda não está fechado!

Produtores: Higo Melo, Dario Beats, Dj PH (Alagoas), Dj Guirraiz (João Pessoa), Hamilton de Holanda, Samuel Mota, Dj Régis, Patrick Re-
risson, Luiz Café, Dj Batma, Nino Mix, Projeto Nave. A mixagem e masterização é de Marcos Pagani (Orbis Estúdio).

5 Essa mesclagem musical é um sinal de que o RAP precisa de novas melodias para permanecer atual?

O meu foco sempre foi fazer música que transmita o meu pensamento e que seja brasileira na sua sonoridade e expressão. A grande maioria das minhas referências são nacionais, mas a música internacional faz parte da minha formação.

Sempre pensei em fazer música boa: que agrade aos ouvidos, corações e mentes. Claro que temos que nos manter atuais, mas no sentido de inovar dentro do nosso próprio trabalho.

Meus nove discos são os alicerces, objetos de pesquisa, de percepção histórica que auxiliam o novo trabalho. Logo, o décimo, passa a ser a afirmação e evolução dos anteriores, sem deixar que eles sejam ultRAPassados, e sim, matéria prima preciosa.

6 A questão “evolução musical” tem se tornado um dilema na cabeça de muitos rappers. Há quem acredite que o RAP de protesto já era e agora é a vez do RAP pop. Qual recado você manda para quem tem dúvida sobre esse assunto?

A vez é de quem trabalhar bem a sua vida profissional e pessoal, independente do estilo.

A evolução do hip hop não está condicionada somente a novos temas, é um erro pensar assim.

O aprofundamento dos temas que já foram abordados também pode ser trabalhado de forma evolutiva.

Ter falado da relação negro e polícia, preconceito racial, miséria, periferia, não faz desse temas superados.

As relações pouco mudaram e outras pautas sobre estes temas são emergentes: o negro na universidade, nas decisões políticas, sociais, religiosas, trabalhistas e econômicas do país, o extermínio e saúde da população negra.

Eu poderia citar mais uma centena de questões.

O RAP pop no brasileiro, pra falar de alegria, quase sempre recorre, as baladas, boates, carros importados e a mulheres expostas, o que pode ser encarado como limitação.

E a alegria de ver um filho ingressando na universidade ou, terminar a construção de um lar após três décadas de obra?

Já os tradicionais, são vistos como radicais e alguns até vendem essa imagem. Conheço gente que está na universidade e quando sobe ao palco, passa falar sem concordância verbal, para se firmar diante da comunidade.

A minha visão é:

Temos que retratar alegrias, tristezas, emoções, tendo como pano de fundo a música, trabalhada com criatividade, amor e poesia.

O Sampa Crew é um grupo pop, que nasceu dentro de hip hop e embora tenha rompido fronteiras, preserva os b.boys no palco, isso é lindo, me sinto representado.

O Emicida em “Rua Augusta”, tratou de um tema muito relevante com talento e criatividade, as letras do Projota são de uma essência muito profunda, sem perder a ternura, o Crônica do grupo “A



Família” e o Renan do grupo “Inquérito” conseguem fazer muito bem a junção da boa música, criatividade e temas importantes garantindo boa qualidade e longevidade ao RAP nacional.

7 O nome do novo disco “**Peso da Palavra**” faz alguma alusão ao seu primeiro vinil “**Peso Pesado**”?

Só após divulgar o título do disco percebi a semelhança com “Peso Pesado”. Nomes parecidos, momentos diferentes.

“O Peso da Palavra” traduz a proposta desse novo trabalho.

O interessante é que ele foi apresentado pelo Higo Melo, não é de minha autoria, o que demonstra o espírito coletivo.

8 Você defende que o tema **negritude** não pode ser abandonado e sim deve ser aprofundado nas letras de RAP. Como você faz isso no novo trabalho?

Com letras voltadas para o tema negritude, parcerias de artistas negros,

visitando os galhos dessa grande árvore que é a música negra.

África Tática, Heroínas e Heróis, Dia D são algumas das composições traduzem esse objetivo. Estive recentemente nos palcos com Hamilton de Holanda, Yamandu Costa, Leci Brandão, Gerson King Combo, Zeca Baleiro, Choc Quibz Town (Grupo de RAP Colombiano), Riquel Trindade, Artur Maia, Grupo Tampa, Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, Renata Jambeiro, experiências que trouxeram todo um aprendizado e inspiração, essenciais para que as negras raízes mantenham-se sempre vivas e brotando nesse décimo disco que é de extrema importância profissional e pessoal.

9 Quais outros temas foram abordados em “**Peso da Palavra**”?

Temas universais: políticos, existenciais, autoafirmação, sempre utilizando a poesia como forma de expressão.

É um disco maduro, com a força do trabalho coletivo.

Não existe a revolução de um homem só.

10 Você pretende fazer algum videoclipe das músicas do novo CD?

Sim, todas as faixas terão vídeos.

Além dessa novidade, a ideia é interferir pouco nos processos de captação e edição, deixar os profissionais à vontade. Quero muito ver como se dá a interpretação do meu trabalho.

11 Você já recusou um convite da Rede Globo para participar do programa **Som Brasil** em homenagem a Adoniran Barbosa. Porque você se negou a participar?

Primeiramente, nada contra aos artistas e produtores que lá trabalham ou frequentam a emissora, tenho amizades lá. Assim que recebi o convite, me reuni com minha equipe, e tomamos algumas decisões:

- Através do Portal RAP Nacional e outros sites, informamos ao nosso público sobre o convite, o que gerou centenas de comentários, o que foi muito positivo, pois a discussão sobre o tema é muito

importante – hip hop e os meios de comunicação;

- Abrimos vários tópicos sobre o tema na minha página no Orkut: onde, ao final, 80% das pessoas responderam que gostariam de me ver lá, representando comunidade e o meu trabalho. Muitos desses argumentos muito bem fundamentados. Os 20% contrários a minha presença na emissora também foram muito convincentes.

Enfim, após ouvir todos que se manifestaram e conversar com pessoas próximas, decidi, sozinho, que não era a melhor hora, e educadamente agradei ao convite.

Eles ficaram muito tristes, não sei se voltarão a me procurar, realmente seria uma honra interpretar Adoniran, mas ao final, pesou mais alto alguns pontos:

1 - Na década 70, praticamente todos os televisores do país estavam ligados nesta emissora.

Década da ditadura, da opressão, de mentiras e manipulações históricas, das quais sentimos as consequências até hoje.

A Rede Globo, não só apoiou como também participou ativamente nesses atos com o objetivo de se fortalecer diante das concorrentes, ter acesso as benesses do poder e do lucro fácil.

A resistência do povo, a luta popular e toda uma oposição ao regime, abriram após 21 anos de chumbo, o caminho da reestruturação democrática do Brasil.

Várias pessoas, entidades, autoridades, foram punidas, outras pediram desculpas publicamente por atos praticados durante o período.

A Rede Globo tomou um caminho diferente e ao invés de um pedido de desculpas ao povo brasileiro, travestiu-se, afastou-se dos seus antigos aliados e passou a vender uma postura demo-

crática, de impulsionadora e responsável pelos novos tempos.

Daí a minha distância.

Sei que:

- Trata-se de uma concessão pública e diante dessa constatação, também levando algumas questões: qual a data da renovação? tem concorrência?

Embora eu compareça, com pouca regularidade a outras emissoras e até a integrantes do conglomerado RG, não as vejo de forma diferente. Elas apenas não tiveram a articulação que a RG teve, e se tivessem nos prestariam ao mesmo desserviço.

- Sei também que se você acerta o olho do rei, todo o império fica sem noção da caminhada.

Ou seja, se a RG mudar o rumo das suas novelas, telejornalismo, programas de entrevistas, virá um efeito cascata. Isso só acontecerá com pressão popular e manifestações de insatisfação com o que é apresentado na programação.

- Sei ainda, que uma mudança de rumo, será acompanhada pelas outras emissoras.

2 - O fato de não ser um programa ao vivo - eu iria interpretar Adoniran Barbosa - sem direito a uma fala minha;

3 - O atual diretor da centran, Ali Kamel, ser radicalmente contra as cotas raciais, chegando a afirmar que não existe racismo no Brasil.

12 **Você visualiza que em algum momento você aceitará esse tipo de convite?**

O fato de não ter aceito o convite não significa que serão rejeitados no futuro. A possibilidade de uma aceitação surge com um convite bem fundamentado e que respeite critérios que não abro mão: quero ir num programa ao vivo,

educativo e com direito de fala.

13 **Você tem muita afinidade com a literatura marginal, inclusive, em sua nova música, ISO 9000 do Gueto, você cita saraus e personalidades da atual cena contemporânea. Como é essa relação? Qual a importância dela dentro do hip-hop?**

ISO 9000 do Gueto é minha homenagem a esse movimento e suas personalidades, embora, nem todas tenham sido citadas, por uma questão de tempo da música e o universo literário.

A minha relação com a literatura periférica, marginal, divergente é ótima, de extremo carinho e respeito.

Costumo dizer que os saraus trouxeram oxigênio literário para o hip hop. Se fizemos uma pequena viagem no tempo, vamos perceber que as letras de RAP evoluíram bastante do ponto de vista poético, literário e gramatical quando se aproximou da literatura periférica.

O Sarau RAP, organizado e idealizado por poeta Sérgio Vaz aguçou a capacidade de criação de vários grupos de RAP de São Paulo participantes dos encontros que aconteciam na Ação Educativa. Hoje percebemos um recorte desse movimento, a literatura de divergente, que independente do território, é contestatória nos seus argumentos.

Seu maior representante é o professor Nelson Maca, do Coletivo Blackitude de Salvador, que já chegou a lançar o “Manifesto da Literatura Divergente” e que viaja todo o país declamando seu modo de pensar o mundo.

Outro fator importante: a literatura marginal despertou a atenção e a chegada de grandes escritores e artistas de outros segmentos e classes sociais, jornalistas, todos sedentos por saber sobre essa “boa nova”.

O Poeta Sérgio Vaz da Cooperifa e Ferréz são os grandes mentores e articuladores dessa cena que se alastrou e ou hoje conta com vários nomes.

Saraus estão presentes por todo o Brasil, aquecendo a cena literária no centro e nas periferias.

Em Brasília temos os Radicais Livres, T. Bone, Tribo das Artes, Sarau Complexo, ou seja um circuito literário!

14 Em 2010 você lançou seu primeiro livro “A Rima Denuncia”, com suas letras de música transformadas em poesias e textos, com auxílio do professor Nelson Maca. Como foi esta experiência?

Trata-se de um livro com 48 letras, relatos históricos onde falo um pouco sobre o processo de criação de algumas das minhas letras, lançado pela Editora Global, seleção e organização poética do Poeta e Professor Nelson Maca, teve como convidados para os textos de apresentação, Pedro Alexandre Sanches e Hamilton Borges Walê.

O livro está é essencial na aproximação com o público, entendimento e divulgação do texto. Ele é muito adquirido pelos jovens, principalmente depois que “Brasil com P” passou ser texto do PAS(Programa de Avaliação Seriada) da UNB(Universidade de Brasília).

15 Antes, você havia participado do livro “Pelos Periferias do Brasil - Vol. 1” de Alesandro Buzo, que já está na 5ª edição. Como você analisa o fato de ter sido um dos precursores desta obra que abriu espaço para tantos escritores periféricos?

Costumo dizer que o Buzo é o Maquinista da Literatura e eu fui um dos vagões desse da locomotiva inicial.

Vou presentear-lo com um relógio com 30 horas!

O homem trabalha demais e tem tido conquistas pessoais que foram muito importantes para o movimento como um todo.

Participar do 1º volume foi muito importante porque a repercussão abriu portas para tudo que veio na sequência.

Um dos textos que publiquei, “O Grande Dia” está musicado e fará parte do meu décimo trabalho.

16 Você sempre foi muito politizado e resolveu enfatizar isso em suas músicas. Hoje temos uma diversidade de estilos muito grande no RAP. Quem você acha que são os grupos que seguiram a sua linhagem e que estão fazendo um trabalho próximo do que você acredita como inovador?

Muitos confundem RAP politizado com RAP político.

Faço RAP politizado, e muitos que falam numa linguagem simples, falando da rua, do crime, escrevem de forma politizada, informativa, revolucionária. Meu estilo exige leitura, busca de informação e romper com a sabedoria de rua, ampliando o foco. É preciso ir além. A crítica tem que estar bem fundamentada. Protesto por





protesto, todos fazem, mas o que muda a situação é a contestação com argumento e força política.

Sem sombra de dúvidas, o grupo Inquérito é o que mais me agrada nesse seguimento. O Renan escreve muito bem, é articulado e trabalha bastante. Tem meu carinho, respeito e admiração.

Ele acaba de lançar o seu primeiro livro, "Poucas Palavras".

17 Como você analisa a relação do movimento hip hop com os movimentos sociais, como é possível estreitar os laços?

Tenho uma excelente relação com os movimentos sociais. O hip hop, já estive mais próximo.

Ao final dos anos 80, início dos anos 90 a proximidade era com o Movimento Negro, que foi uma base fundamental para grupos como Racionais, DMN, entre outros. Depois a proximidade caminhou para o MST, Trabalhadores sem teto, moradores em situação de rua, afetados por barragens, mas essa relação não tem se concretizado, e hoje estamos afastados, mesmo tendo a consciência que somos minorias, e que unidos, obteremos melhores resultados e avanços em nossas demandas. Esse diálogo tem que ser reestabelecido e otimizado!

18 Desde o histórico encontro de representantes do hip-hop com o ex-presidente Lula, como estão as políticas públicas voltadas para o hip hop?

Já se passaram sete anos do encontro e as possibilidades de relação com o poder público ampliaram bastante, mas estamos aproveitando muito pouco.

Não sabemos qual governo que estará aí no futuro, e temos que negociar agora políticas de estado, efetivas, que fiquem garantidas para o futuro. Que fim tomou o Prêmio Hip Hop, que homenagearia Dina Di no ano de 2011? Essa é apenas uma das questões.

Passamos, mesmo que de forma ainda muito tímida, a participar de editais, chamamentos públicos, a ser contratados por prefeituras, secretarias e diretorias de cultura.

A relação entre a sociedade e poder público seja na área, cultural, esportivo, musical, tem que ser norteadada pelo respeito mútuo. Não trabalho com propostas e governos que não acredito.

19 Você ocupa algum cargo público?

Eletivo não.

Sou membro do CNPC (Conselho Nacional de Políticas Culturais) do Ministério da Cultura e assumi recentemente o CDES-DF (Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social do Distrito Federal) convidado pelo Governador do Distrito Federal, Agnelo Queiróz, ambos cargos, não remunerados.

Nos dois casos meu objetivo é discutir políticas públicas voltadas para as populações negras e periféricas. Participei da Elaboração do Prêmio Preto Ghóez, fui essencial para que Gerson King Combo recebesse do Presidente Lula a Honra do Mérito Cultural e para que o Programa Manos e Minas não fosse retirado da programação da TV Cultura.

20 Qual sua relação com o governo Dilma?

Participei ativamente da campanha da presidenta.

Durante nossas andanças pelo Brasil, nas conversas que tivemos, pude expor pensamentos e ideais.

Ela quando me encontra me chama pelo nome, me trata muito bem e o que é mais importante: ouve atentamente todas as minhas palavras.

Espero poder dialogar mais, referendado pela força e trabalho do hip hop. Sei que só com força política teremos nosso pleito atendido e que governo bom é aquele em que conseguimos nos impor politicamente, e para isso temos que demonstrar força e articulação.

21 Você acha que o hip-hop precisa de mais representantes dentro da política?

Na minha análise, o hip hop precisa mais de força política do que de representatividade.

Não vejo com bom olhos, artistas do hip hop ingressando na carreira político-partidária, em cargos eletivos, ou seja, vereador, deputado, Senador. Isso expõe não só o candidato, mas todo o movimento. Se ele errar, erra junto o movimento e vão sobrar falas do tipo: - Estão vendo? Falaram, agora chegaram e fizeram o que tanto criticavam.

Tenho outra proposta:

Imagine se o nosso movimento, após uma grande consulta interna, elaborasse uma planilha de propostas, em que estivessem enumeradas nossas necessidades imediatas e futuras.

De posse desse documento, uma radiografia nacional do hip hop, lideranças eleitas nos fóruns teriam uma importante missão: dialogar com partidos políticos, candidatos, movimentos sociais, sociedade organizada.



Isso seria possível porque teríamos representantes com força política.

Por outro lado, se uma negociação acertada, não desse certo e não ocorresse da forma planejada, bastaria retirarmos o apoio dado a aquele partido político, candidato ou movimento social, que o hip hop continuaria íntegro aos seus princípios.

Se a política partidária for a água da chaleira, a ebulição social, temos que ser o fogo que aquece a chaleira e provoca aquela ebulição.

22 **Deixe uma mensagem para seus fãs e leitores da Revista RAP NACIONAL.**

Espaços de discussões como este são vitais para o nosso crescimento. Os pontos de vista expostos aqui não direcionados a pessoas nem a governos e sim posturas de pessoas e governos.

Sou a favor de uma revisão do direito autoral proposta pelo governo, mas não nos seus moldes, como também sou contrário a instalação da Usina de Belo Monte. Procure não analisar a história com a ótica do ódio, do revanchismo, mas como alguém que procura através desse resgate o conhecimento, para que acontecimentos não voltem a se repetir.

Cuidado, o sistema em que vivemos nos anestesia, fazendo com que coisas absurdas sejam encaradas como normais.

Uma criança faminta, uma sociedade que extermina seus filhos na sua fase mais produtiva e não respeita seus idosos, pessoas que só vestem branco quando seus familiares são atingidos pela violência urbana não podem ser vistas com normalidade e sim como doenças que não podem ser repassadas às gerações futuras.

Ação, senão revolução acaba em moda.

- www.gograpnacional.com.br
- grioproducoes@gmail.com
- [@gogpoeta](https://twitter.com/gogpoeta)



ANDRÉ LAUDZ NO

ANDRÉ LAUDZ, COM APENAS 18 ANOS, CHEGOU DE MANSINHO E FIRMOU SEU NOME NO CENÁRIO DA FRONTEIRAS E ATÉ OS GRINGOS ESTÃO SE RENDENDO AO TALENTO DO JOVEM. VIDEO DIVULGADO NA

Por Mandrake

Desde pequeno, quando tinha sete anos, André Laudz era incentivado pelo próprio pai que comprava para ele as revistas RAP Brasil e RAP Rima, além de todos os CD's de RAP que encontrava, não perdia um programa YO MTV e estava sempre buscando informações e material sobre o RAP NACIONAL.

Na época mágica do hip-hop no Brasil, muitos jovens foram sugados para dentro de nossa cultura, e não foi diferente para o curitibano Laudz.

Muitos são atraídos pela dança, outros pelos traços do grafite, alguns são fascinados pelos famosos toca-discos e preferem ser DJ, enquanto a maioria quer ser MC, subir no palco, gesticular e cantar.

Mas Laudz optou pelo caminho mais técnico da parada. Ele quis sim trabalhar com RAP, mas não com sua voz e sim com sua habilidade em fazer as bases onde os rappers colocam suas vozes.

Em 2007 Laudz conheceu o programa Fruity Loops através de um amigo com quem ele trocava sons pela internet. O skatista Henrique Alves foi quem disse a Laudz que ele deveria começar a fazer beats, passou o

nome do programa e algumas videoaulas. A partir daí o jovem Laudz não parou. Sempre buscando cada vez mais conhecimento e fazendo um estilo de produção pouco usado no Brasil, os beats tocados.

Em 2010 Laudz foi finalista da batalha "Liga dos Beats", realizada em São Paulo e não demorou muito para Laudz chamar a atenção dos MC's brasileiros, com beats pesados, como os que escutamos nos RAP's de Los Angeles. O trabalho feito por André Laudz conquistou e atraiu todos os gostos no RAP NACIONAL.

Entre eles estão Projota, Flora Matos, Emicida, Rashid, Mv Bill, Pregador Luo e vários outros. Além disso ele já produziu e continua trabalhando com diversos MCs e grupos de Curitiba.

Sabemos também que vários grupos estão produzindo beats com André Laudz, dos

próximos discos que estão para ser lançados, grupos como Floripa Mc's e Ments terão várias faixas assinadas pelo beatmaker André Laudz.

Mv Bill é um dos grandes nomes que também optou por tramar junto com Laudz, que será o responsável por alguns beats do próximo álbum.



OS BEATS!

A PRODUÇÃO MUSICAL. OS BEATS DE LAUDZ ULTRAPASSARAM AS INTERNET MOSTRA QUE ATÉ DR. DRE CURTE UM BEAT DE LAUDZ.

bum do Mensageiro da Verdade.

Ainda falando sobre MV Bill, vale ressaltar que Laudz remixou as faixas "Tamo Junto e Misturado" e "O Bonde Não Para".

O jovem produtor curitibano vai lançar um disco que terá a participação de vários MC's brasileiros e gringos cantando em seus

beats. "Esse ano estou trabalhando no meu disco (Mc's rimando em meus beats) e também nos trabalhos de dois MCs de Curitiba, no disco do MC Nairobi e no disco do MC Biguee, além disso, estou produzindo faixas para discos de vários grupos e artistas", comenta Laudz.

E pra quem tá começando no ramo da produção musical no RAP NACIONAL, André Laudz finaliza com uma mensagem de incentivo: "Primeiramente tem que haver muita dedicação e amor o resto vem com o tempo, nada é impossível, é questão de trabalho e dedicação".

No Soundcloud do beatmaker você confere alguns beats que estão a venda e também algumas músicas e remix by Laudz - www.soundcloud.com/laudzcwb

Se você quer comprar um beat ou fazer uma produção com esse grande talento, entre em contato com ele através do email:

laudzcwb@gmail.com

Também acompanhe e siga Laudz no twitter (www.twitter.com/AndreLaud) e facebook (www.facebook.com/AndreLaudz)



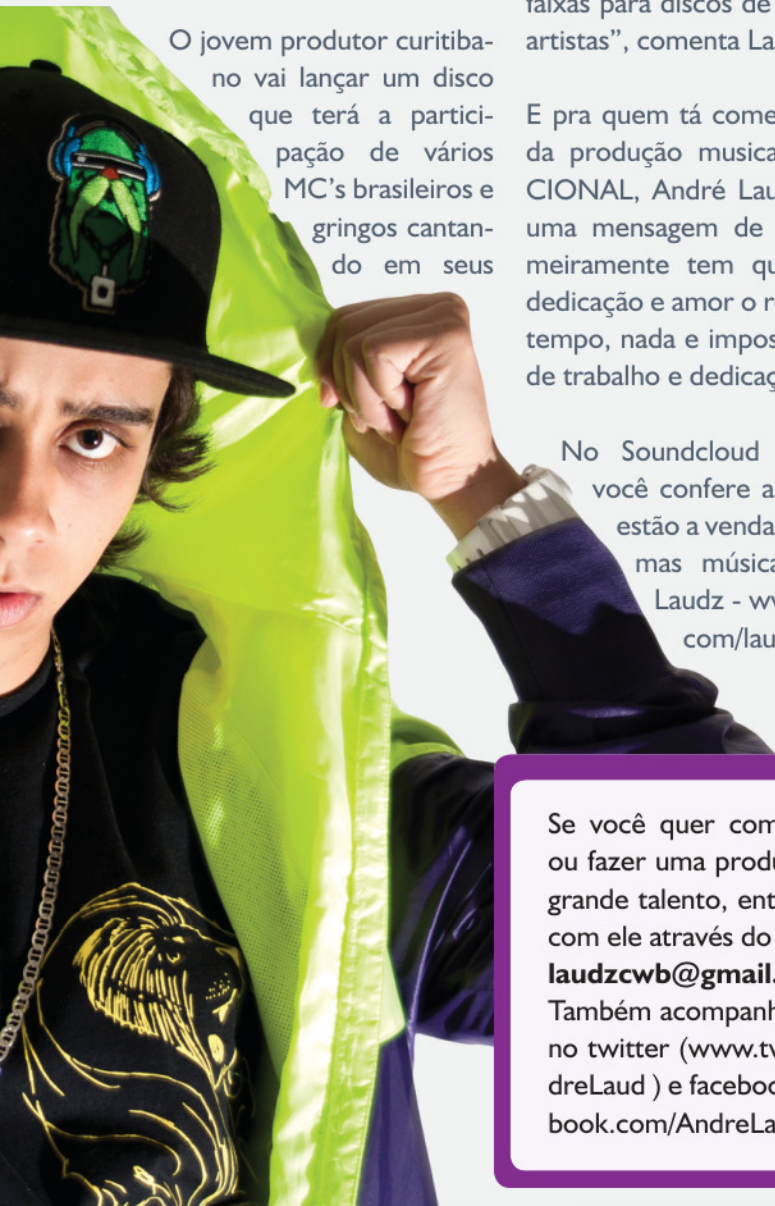
BEAT DE LAUDZ CHEGOU NO DR.DRE

E com todo o sucesso no Brasil, Laudz conseguiu ampliar seus horizontes mundialmente. Uma grande cartada foi a produção instrumental da música "Conversation With Tito" do rapper americano Tito Lopez.

"O nosso primeiro contato foi pelo twitter, no qual peguei o email dele, mandei alguns beats e aconteceu que mandei um que ele gostou muito e falou que ia usar. No qual virou a musica Conversation With Tito", diz Laudz.

Recentemente Laudz se emocionou ao ver um vídeo onde Tito Lopez está no estúdio junto com Dr.Dre. E a grande surpresa é, Dr.Dre ouvindo, dançando, curtindo e aprovando o beat do produtor brasileiro André Laudz.

Quando perguntamos a Laudz sobre sua reação ao ver Dr.Dre ao lado de Tito Lopez curtindo seu beat, o humilde rapaz respondeu: "Simplesmente algo que não tem como explicar, uma satisfação sem tamanho".



Livro bomba: "O Hip-Hop Está Morto!"

Imagine se o Hip-Hop fosse uma pessoa. Imaginou? E se ele contasse sua própria vida? É essa a história, uma espécie de auto-biografia, que você encontrará nas páginas do livro *O Hip-Hop Está Morto!* de Toni C..

Um romance fantástico que apesar do formato de ficção trata do drama verdadeiro do qual enfrenta o Hip-Hop brasileiro.

Com título instigante e polêmico, ao longo das 152 páginas o leitor se dá conta que a obra é um grito que exige vida longa ao Hip-Hop. Leitura obrigatória para

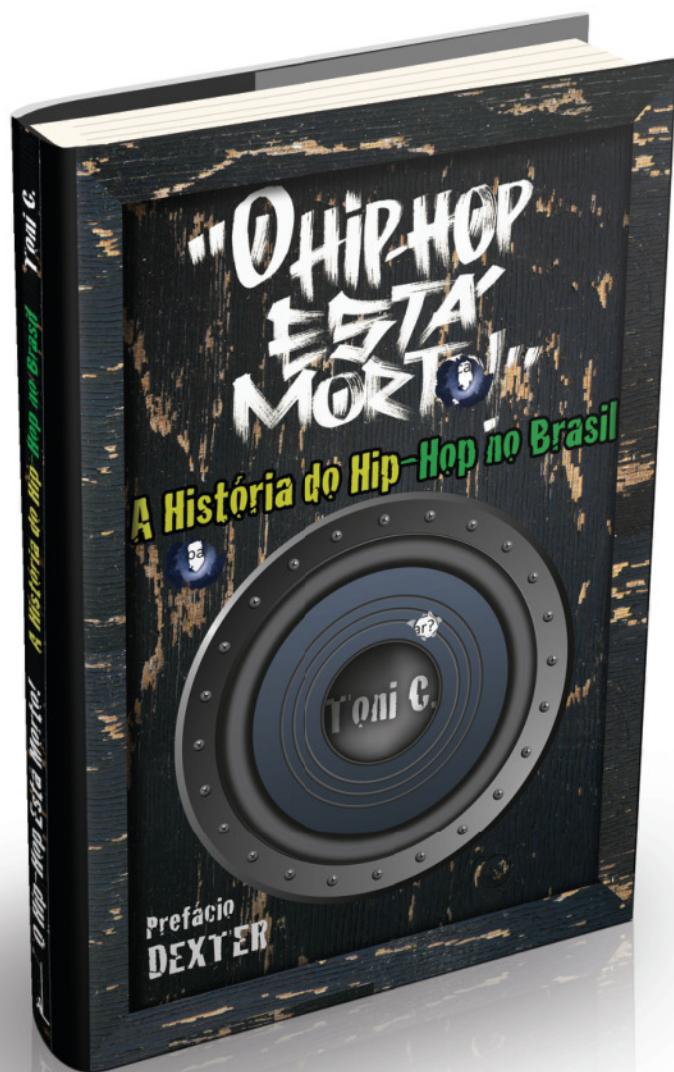
todo amante do RAP NACIONAL, o livro também funciona como um excelente "guia introdutório" para apresentar a história do Hip-Hop no Brasil para o público geral.

A narrativa é cativante e envolvente, tem ritmo e linguagem de um RAP cabuloso e prefácio do 8ª Anjo Dexter, além de 28 fotos de personagens reais, grandes ícones da história do Hip-Hop brasileiro.

Do mesmo autor do documentário "É Tudo Nosso! O Hip-Hop Fazendo História" e organizador dos livros "Hip-Hop a Lápis, Literatura do Oprimido e Sonho de Periferia",

Toni C. é ganhador o prêmio Tuxauá 2010 reconhecido como uma das pessoas mais influentes da cultura brasileira. Acaba de ser congratulado pelo Estado do Rio Grande do Sul com a medalha da Legislatura do Estado, título inédito para um representante do Hip-Hop e agora apresenta seu primeiro romance, como diz Renan do grupo Inquerito na contra-capa: "Para ser lido na véspera do amanhã".

O título vendeu mais de 500 exemplares na primeira semana. Para adquirir o livro acesse <http://www.literariaUA.com.br> e compre já o o seu, antes que seja tarde demais.



Confira entrevista com o autor Toni C. sobre o livro e suas polêmicas

Porque o título "O Hip-Hop Está Morto!"?

Toni C. Este título é o desejo de uns e a tragédia de muitos. Há tempos alguns querem acabar com o RAP, outros setores afirmam que o movimento Hip-Hop está morto, daí o título.

2 Como surgiu a ideia deste livro?

Toni C. A ideia vem de muito tempo, em debates, palestras, músicas e conversas com pessoas que pensam e vivem a nossa cultura. Refletindo sobre a fase atual que passa o Hip-Hop e pra onde ele está indo. Também ouço por aí pessoas do Hip-Hop dizer que é necessário conhecer a nossa história, mas conhecer onde? Aonde está essa história? Pois bem, neste livro está uma parte da história do Hip-Hop no Brasil.

3 Esse é seu primeiro romance, a obra pode ser considerada o livro mais polêmico que você já lançou?

Toni C. Pra mim é tão polêmico quanto os demais e imagino que para o leitor também será. No meu

Enfrenta questões como boicote e extermínio da cultura Hip-Hop

trabalho nunca tive a intenção de chover no molhado. Lançar um livro chamado Literatura do Oprimido baseado na pedagogia de Paulo Freire com 60 autores e questionar a Academia Brasileira de Letras que só tem 40 cadeiras desde quando foi fundada, penso, ser polêmico. A diferença é que neste livro trato das polêmicas inclusive de dentro do movimento. Para começar pelo título, mas é necessário ler o livro para saber quais são as questões. O que posso dizer é que nunca dei munição ao inimigo e não é agora que hei de fazer.

4 Fale um pouco sobre os personagens que fazem parte da narrativa?

Toni C. A história mistura ficção com as questões reais que envolvem o Hip-Hop, tá aí o primeiro personagem. No livro o Hip-Hop é um cara de carne e osso que anda por aí e sente na pele o preconceito, machismo, opressão... Ao mesmo tempo ele contracenava com personagens bem reais como Dexter que escreveu o prefácio do livro, DJ Raffa, MV Bill, Aliado G, Eli Efi, Rubia, Bonga entre outros que também são personagens vivos presentes na obra. Além de 28 fotos homenageando os grandes nomes do Hip-Hop nacional.

5 O que está faltando para o mesmo público que lota um show, também começar a ler os livros que falam do Hip-Hop, assuntos ligados a periferia?

Toni C. Acredito que está faltando

as

duas coisas acontecerem. O público voltar a lotar os shows de RAP e ler mais, de tudo não só assuntos do Hip-Hop e periferia. Falta agente se qualificar cada vez mais, seja para fazermos bons shows ou bons livros, bom RAP ou boas poesias. Para chegar ao público que está aí, crescendo orfãos de cultura bela e libertadora.

6 Salve... Toni C. Agradeço a oportunidade dessa troca de ideia.

É loko agente aqui debatendo literatura, cultura, Hip-Hop. Como disse Sergio Vaz esses dias numa conversa: "Aonde vamos parar? Um produzindo peça, outro poesia, livros, videoclips..." Bom eu não sei toda a resposta, mas sei que O Hip-Hop Está Morto! é uma leitura necessária pra quem quer entender a maior contracultura da humanidade. Tá a dica e boa leitura

Para adquirir o livro acesse <http://www.literaRUA.com.br>.

Características do Livro:

ISBN: 978-85-910253-2-9

Autor: Toni C.

Categoria: Romance / Hip-Hop

Ano: 2012

Páginas: 152

Dimensões: 14X21 cm.

RPW completa duas décadas com a formação original

São 20 anos de bate-cabeça, originalidade e inovações no RAP nacional com o trabalho do RPW



Por Jéssica Balbino

Originais, autênticos e com 20 anos de história. Assim pode ser resumida a trajetória do grupo RPW, que completou duas décadas com a formação original: Rubia, Dj Paul e W-Yo.

Com o videoclipe “Talento não morre, recicla”, o grupo marca a fase de comemorações e lembram: “não é todo dia que um grupo de RAP no Brasil completa 20 anos com a mesma formação”.

Vindos de um período em que a tecnologia era escassa e as colagens eram feitas no tranco, assim como o looping, com deck de rolo, o grupo RPW se tornou conhecido em todo país por inovar o cenário do RAP nacional, com o estilo tido como “bate-cabeça”.

E com muita história para contar, o grupo está produzindo um DVD também comemorativo, que trará um resgate de imagens guardadas ao longo dessas duas décadas e cenas novas, capturadas durante shows, bastidores e eventos. “Temos depoimentos guardados desde 1994, esta é a hora de compartilharmos isso com o nosso público e amigos, que sempre nos apoiaram e continuam apoiando”, conta W-Yo.

A exemplo disso está o designer e ilustrador Danilo Rodrigues Almeida, 23 anos. Ele conheceu o grupo há cerca de 11 anos, quando ainda morava no interior do estado de São Paulo e relata que a identificação foi imediata. “Me encantei pelas letras,

levadas, bases, enfim. Me identifiquei com tudo. O que mais me chama atenção são as letras inteligentes e às vezes engraçadas, pra fazer pular, mas, sem perder o foco, que é o protesto, né?”, enfatiza.

E assim com Danilo, quem curte o RPW pode se preparar para mais novidades. Parte do projeto comemorativo das duas décadas inclui, levar aos shows, artistas que gravaram com o grupo no passado e transformar isso em hábito. Conforme explica W-Yo, o grupo pretende reunir os amigos da década de 1990 e apresentá-los ao público, tanto da velha, como da nova escola.

“Temos amigos como o Ugli C.I., do Filosofia de Rua e o Branco, ex-Pavilhão 9 que queremos conosco, bem como outros amigos”, informa e isso sem perder o padrão bate-cabeça, que é o grande diferencial do grupo e que integra além da cena do hip-hop, levando aos shows os skatistas e até mesmo o pessoal do punk e do hardcore.

E por falar em skates, mais uma novidade comemorativa são shapes produzidos com logomarcas do grupo e fotos dos integrantes, bem como outros souvenirs do RPW, como underwear e ímãs colecionáveis.

Justamente por dialogar com o público do skate é que o RPW conquistou admiradores como o jornalista Daniel Souza Luz, que conheceu a banda pelo clipe “Pule ou Empurre” na MTV, no Yo. “Na época, quem apresentava era o Rodrigo

Brandão, se não me engano. Foi no fim dos anos 1990. Me liguei no som na hora, na letra, no lance de ter uma mina Rapper junto, nas referências ao skate e achei muito esperto e infinitamente mais original do que quem tava na cola do Racionais MCs”, pontua.

Para ele, o fato do grupo ter inserido o bate-cabeça no RAP traz a impressão digital de originalidade ao RPW. “Eles ocupam um nicho único. É como se eles tivessem visto os vídeos de skate dos programas brasileiros da década de 1980, como o Grito de Rua e o Vibração com o Código 12 e estão reinterpretando do jeito deles”, considera.

Quanto as novidades, elas não param. O grupo quer voltar a fazer os covers de RAP brasileiro nos palcos. Conforme conta W-Yo, há intenção de também colocar esta prática no DVD do grupo, que vem sendo feito e os trabalhos não param por aí. A pitada feminina do grupo, Rubia, conta que em 2012 deve vir com um trabalho solo e brinca. “Já estamos tiozinhos, mas não paramos de produzir. Fizemos um show dom Sistema Negro, Branco, Filosofia de Rua e Dj San Mix. Vê-los juntos, num mesmo palco foi um barato, pois são grupos que dividíamos a cena em 1990 e hoje, todos estamos tiozinhos e ainda fazendo RAP”, brinca.

Serviço – Para conhecer o trabalho do RPW, visite a página no grupo no Trama Virtual e ouça os discos <http://trama-virtual.uol.com.br/rpw>

loja



RAP NACIONAL

Artigos Nacionais e Importados: Camisetas * Bermudas
Óculos Escuro * Regatas * Bonés * Tênis * Cd's * DVD's



Sob a direção
de **Mandrake** do
Portal e Revista
RAP NACIONAL



RAP
NACIONAL
www.rapnacional.com.br



Rua Indaial, 768 - Dom Bosco - Itajaí - SC (Ao lado da Pizzaria 97 Graus)
(47) 3046-6156 | loja@rapnacional.com.br

Visite nossa loja ou compre pela internet: LOJARAPNACIONAL.com.br

"O HIP HOP ESTÁ MORTO!"

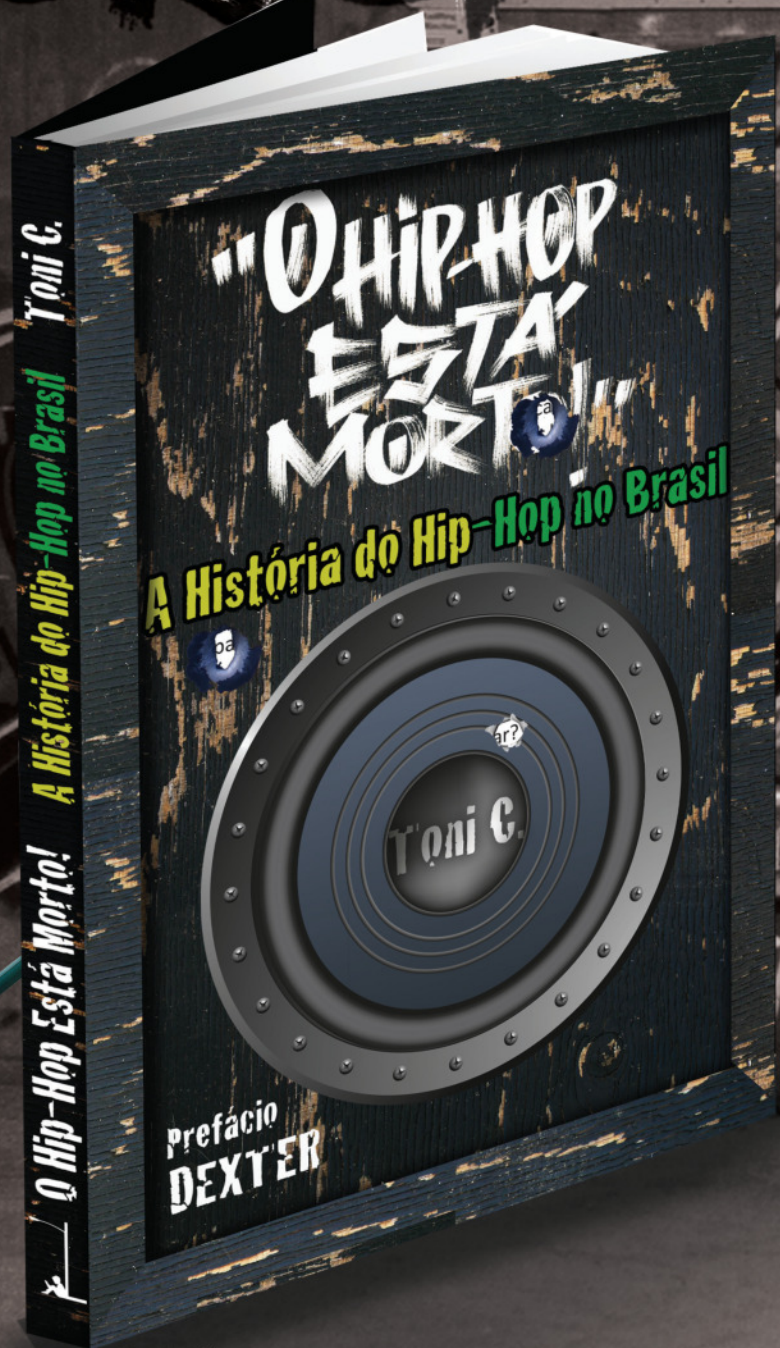
um livro de
T'oni C.

**LEIA
ANTES
QUE SEJA
TARDE DEMAIS!**

Apoio:



Ministério da
Cultura



www.LiteraRUA.com.br